

ANNO XV. — NUMERO 7.

JULHO DE 1877.

**JORNAL**  
**DAS FAMILIAS**

**PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA**  
**RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.**



**RIO DE JANEIRO**  
**B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO**

**65, rua do Ouvidor, 65**

**PARIS, E. BELHATTE**  
**14, rue de l'Abbaye-Saint-Germain, 14**

**1877**

## INDICE D'ESTE NUMERO

SYLVESTRE (continuação), por Victor de Paula.

LUCIA, por Leocadio Pereira da Costa.

SUZANNA E JOANNINHA, por Victoria Colonna.

### VARIÉDADES :

Tradições. — Antonio Gonçalves, pelo D<sup>r</sup> Moreira de Azevedo.

### POESIA :

Invocação, por \*\*\*.

### MODAS :

Descrição do figurino de modas.

### TRABALHOS :

Explicação da estampa de bordados e trabalhos.

Explicação da estampa de moldes.

Explicação da estampa grande de moldes.

Explicação da estampa de tapeçaria colorida.

## ACOMPANHAM ESTE NUMERO

- 1º Um figurino de modas colorido.
- 2º Uma estampa de bordados e trabalhos.
- 3º Uma estampa de moldes.
- 4º Uma estampa grande de moldes.
- 5º Uma estampa de tapeçaria colorida. (*Genuflexorio.*)
- 6º Uma bonita aquarella. (Imitação de pintura a oleo.)



## REDACTORES E COLLABORADORES

Dr. Augusto Fausto de Souza.

Augusto Guanara.

Dr. Bern. Joaq. da Silva Guimarães.

D. Emilia Augusta Gomide Penido.

Ernesto Castro.

Heitor da Silveira.

D. Honorata Minelvina Carneiro de  
Mendonça.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

J. L. Teixeira de Macedo.

Dr. José Joaquim de Pessanha Povea.

José Rufino Rodrigues Vasconcellos.

Juvenal Galeno.

L. G. P. Guimarães Junior.

L. L. Fernandes Pinheiro Junior.

Machado de Assis.

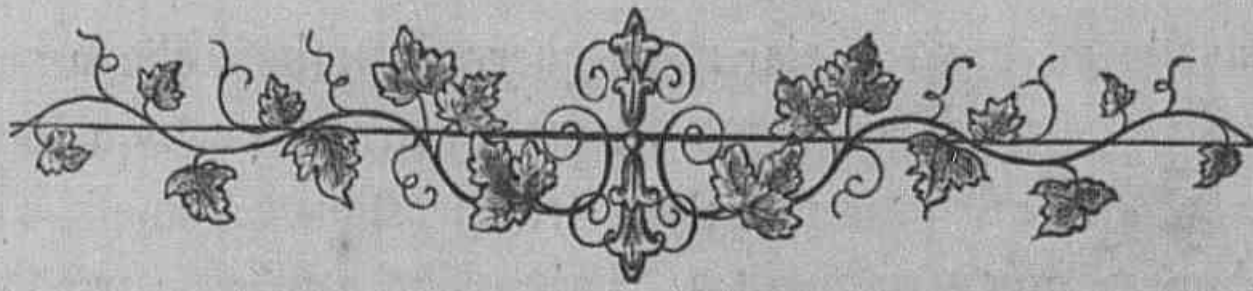
D<sup>r</sup> Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.

D. Maria Ignacia Magna.

D. Paulina Philadelphia.

P. A. Gomes Junior.

V. Colona.



# SYLVESTRE.

CONTINUAÇÃO.

---



de saber que Luiz Borges, apesar dos seus quarenta annos não perdera os enthusiasmos juvenis, nem algumas das illusões da primeira idade. Cria na arte, na gloria, na poesia. Quando José Vargas lhe contou desanimado a vocação do filho e a necessidade de refreal-a afim de lhe dirigir o espirito para alguma cousa mais util, ou menos eventual, Luiz Borges alegrou-se com a idéa de haver descoberto um artista e a de concorrer para desenvolvê-lo. Tal foi o motivo da proposta que lhe fez. Tambem elle tivera ambições, que o tempo levou, como leva outros tantos pedaços da alma. Agora, sentado nas ruinas da juventude, contentava-se em espraiaar a vista pelo mar largo da juventude alheia.

Ia pois mudar a vida de Sylvestre; seu genio achava emfim uma patria. O advogado mandou-lhe preparar uma sala e uma alcova, que havia no sotão da casa; duas janellas davam para o mar. Elle poucas vezes vira o mar; quasi toda a vida esteve confinado em sua casa do bairro dos Cajueiros. Quando estendeu os olhos pela agua adiante, a alma estremeceu,

como o cavallo ao ouvir o clarim da guerra. Tambem elle ia pelejar, a dura e gloriosa peleja da arte, que o seduzia e arrastava, e que o mataria se elle não accudisse de prompto. Sylvestre encostou-se á janella e deixou-se ir ao sabor de seus pensamentos; lembrou-lhe a mãe, a irmã e o pae, de quem ia viver separado de ora avante, e ficou triste; mas a idéa de que lhes pagaria as saudades com muita gloria o consolou da tristeza, e lhe levantou o espirito.

Os aposentos que lhe deram estavam alfaiados com o 'estricamente preciso; ainda assim não fosse, elle não repararia em nada. Sua melhor mobilia eram os seus quinze annos. Tirou da caixa que trouxera os objectos necessarios á arte, os pinceis, as telas, os desenhos; poz as cousas em ordem, mas de modo que em caso de entrar um estranho, pudesse esconder tudo. Feito isto, entrou a contemplar mentalmente a sua Venus inedita; corrigio um braço, avivou o colorido, dispoz melhor um accessorio. A attitude não o satisfazia de todo; melhorou-a, mas reparou que a mudança prejudicava a luz, e voltou á primeira correcção. O olhar não lhe parecia assaz expressivo; prometteu trabalhá-lo até alcançar a vida que lhe queria dar. Não é possivel dizer com certeza que tempo gastou elle n'essa contemplação e emenda, a verdade é que accordou quando o vieram chamar para jantar.

Luiz Borges recebeu-o no gabinete, e os dois passáram á sala de jantar onde a mulher do advogado esperava por elles. Seguiu-se uma apresentação galhofeira, um jantar que a Sylvestre pareceu de principe, muito carinho dos donos da casa, nada menos que a felicidade para o pobre rapaz. Sylvestre, entretanto, comeu pouco; o acanhamento e as saudades não eram de desafiar o apetite. Não ousou sequer olhar para a mulher de Luiz Borges, que aliás lhe fallava com uma voz que devia sahir da mais gentil de todas as bocas humanas.

Camilla era o nome d'essa moça, modelo de graça indolente e nativa elegancia. Imaginem uma mulher, não alta, mas airosa, flexivel como uma serpente, meiga como uma pomba; ponde-lhe no rosto côr de leite dois olhos pardos e vivos, um nariz recto como o das estatuas gregas; considerai-lhe a fronte lisa e pensativa, as curvas do collo, a perfeição do braço, e tereis a esposa de Luiz Borges, e não a tereis toda, porque falta ainda a alma de toda essa figura, a alma que se derramava por toda ella e era uma cousa mais facil de sentir que de explicar. Parece que lhe fallam os proprios dedos — foi a primeira expressão de Luiz Borges ao vel-a pela primeira vez, dez annos antes, isto é em 1855, quando ella tinha apenas quinze annos e elle trinta. Tres mezes depois estavam casados. Uma vez

casados, extincta a lua de mel, não se extinguiu o amor, que aliás nunca fora violento, senão pacifico, moderado e igual. Mas a convivencia deu lugar a novas descobertas. Camilla, dizia um dia o marido, tem um gato no cerebro. Explicava elle d'este modo as alternativas de caricia e arroganço da mulher, a indolencia das idéas, a irritação facil e a facil docilidade.

Informada da historia de Sylvestre, Camilla tratou-o com a mesma sympathia do marido, disposta como elle, a deixar que o genio do joven artista se desenvolvesse em plena liberdade. A figura da Sylvestre fez ainda augmentar o interesse que sua historia despertára nas duas almas sensiveis. Aquella pallidez poetica, o profundo e rutilante dos olhos, o véo de melancolia com que elle parecia esconder-se ás vistas do mundo, mas atravez do qual se distinguia o traço da vontade e da perseverança, o proprio acanhamento das maneiras, faziam d'elle uma creatura interessante e original. Não lhe era preciso arroubar a porta dos corações; elles a abririam por si.

Era pois a vida de Sylvestre a mais deliciosa cousa do mundo! trabalhava de manhã no escriptorio; de tarde e antes do almoço pertencia ao estudo; os domingos eram todos seus. Fechava-se para trabalhar á vontade. Mais de uma vez, Luiz Borges pediu-lhe para ver os trabalhos; elle recusava-o sempre. Quando conçava, encostava-se á jadella e esquecia-se a contemplar o mar e o céu. O idéal fundia-se no infinito; o artista ficava só com a sua criação.

Um dia, voltando do escriptorio, achou aberta a porta de seu aposento. Junto da janella vio Camilla de pé, a contemplar um desenho, uma cabeça de Harpia, copiado de um modelo academico. Antes de saber o que era, Sylvestre correu agitado para a moça.

— Não tenha medo, disse esta; eu sou pessoa de segredo. Estava aqui admirando a sua inspiração. É magnifica!

Sylvestre estendeu a mão para pegar no desenho.

— Não vale a pena disse elle; são esboços...

— Ciumento!

Camilla proferio esta palavra com tanta graça, que era impossivel resistir-lhe; Sylvestre esperou que ella acabasse o exame.

— Dá me este! disse ella.

— Não posso; dar-lhe hei outro melhor;

— Deixe ver.

— Mais tarde.

— Mentiroso!

Sylvestre obteve o desenho e apressou-se a guardal-o; só então reparou que deixára uma pasta sobre a mesa. Na pasta havia outros estudos; Camillá, porem, só chegára a ver aquelle. Em quanto elle guardava cioso os fructos de suas horas vagas, a mulher de Luiz Borges admirava a fronte raphaelesca de Sylvestre; a timidez graciosa de seus movimentos, os olhos plenos de vida espiritual.

— Escondeu tudo? perguntou ella. — Tudo; tenho vergonha de deixar ver cousas tão grosseiras. Quando eu fizer alguma obra melhor, não terei duvida em mostral-a.

— Você pensa que me contento com tão pouco? disse Camilla depois de curto silencio.

Sylvestre não sabia que dizer.

— Não, continuou ella; ha de mostrar-me o que tem feito; quero apreciar os progressos de seu talento; n'uma palavra, não quero ser publico. Deixe ver!

Sylvestre tinha todos os seus estudos e preparos dentro de um grande bahu, encostado a uma das paredes da sala. A moça caminhára para elle; elle correu a sentar-se no bahu.

— Perdoe-me, disse o rapaz eu lhe mostrarei depois; procurarei alguma cousa que seja digna de seus olhos.

A lisonja tem uma virtude rara; Camilla, ouvindo o cumprimento de Sylvestre, sorriu e parou. Foi a primeira vez que Sylvestre atreveu-se a olhal-a de rosto, mais de um minuto. A attitudo da moça, sua belleza característica, a expressão do olhar, tudo parecia proprio a impressionar um artista. Sylvestre ficou litteralmente fascinado; e Camilla sentio a impressão que lhe produzia.

— Pois bem, disse ella; consinto em esperar; procure alguma cousa digna de meus olhos... Meus olhos são bonitos?

— Oh! muito!

— Creança!

E dando uma volta ao corpo, Camilla sahio da sala, desceu a escada, deixando o pobre rapaz ainda enlevado d'aquelles poucos minutos de conversa. Ergueu-se o filho do procurador e foi contemplar o mar, da janella aberta, com a cabeça cheia de todos os seus sonhos. Uma voz lhe dizia dentro :

— É esta a Venus; este é o modelo da tua obra immortal. Tua visão incorporou-se, fez-se mulher, fallou-te e ouviu-te. Tens a deusa; podes expulsal-a de teu espirito, que é o céo pagão. Eia! ao trabalho! transmite emfim aos homens o pensamento que te faz viver.

Quinze annos tinha, mas sentio-se homem n'aquella suprema occasião. N'essa mesma tarde cuidou de lançar ao papel os primeiros lançamentos do esboço. Não pôde; não se dominava ainda bastante. Mas não desanimou; trabalhou parte da noite a reproduzir a attitudo e a expressão da figura, taes quaes as tinha na mente. No dia seguinte estava prompto o trabalho preliminar. Prompto? Elle o desfez e inutilisou, como indigno do seu modelo. Não era ainda aquillo; quasi desanimado, volveu á obra, até que ella lhe sahio perfeita.

Sylvestre sentio as primeiras alegrias da maternidade. O esboço era apenas esboço; não tinha ainda as proporções, a cor, a vida, o movimento; mas era o ovo prestes a soltar a ave mysteriosa da sua inspiração. Guardou-o cuidadosamente e cuidou de preparar a tela.

Entretanto, Camilla não esquecera a promessa do rapaz; não lh'a lembrava nunca em presença do marido; essa reserva pareceu a Sylvestre uma prova de discrição, propria a captar-lhe a confiança. A insistencia devia ao mesmo tempo fallar á vaidade de Sylvestre; não fallou, porque elle ainda a não tinha; era cedo para conhecer esse verme do talento.

Durante uma semana, sophismou Sylvestre o cumprimento da promessa; a resistencia não pôde ir alem, e elle cedeu. De seus primeiros trabalhos todas copias mais ou menos incorrectas, escolheu o que lhe pareceu melhor; era justamente a Harpia que ella lhe sorprehendera n'aquella tarde. Camilla recebeu-a com expressões de exagerado enthusiasmo, contemplou-a, beijou-a, escondeu-a.

— Promette que não mostrará a ninguem? disse elle timidamente.

— Prometto.

D'esse minuto em diante, Camilla tornára-se a confidente natural e zelosa do joven artista; elle lhe dizia suas esperanças, seus planos de futuro; fallava-lhe ingenuamente da obra prima com que queria dotar o mundo.

— Mas o que é? perguntava a mulher de Luiz Borges.

— Depois verá. Tenho lá em cima a tela em que hei de reproduzir o painel que trago na cabeça; logo que comece a trabalhar fecharei a sala de modo que ningnem lá va quando eu estiver fóra.

— E se eu tiver outra chave?

Sylvestre poz as mãos em ar de supplica. A simplicidade do movimento desarmou a moça. Ella prometeu que não iria sorprehendel-o nunca; mas impoz uma condição.

— Desejo ser a primeira que veja o quadro.

Sylvestre respondeu que sim. N'essa occasião, Luiz Borges entrou na

sala em que elles estavam; Camilla continuou uma historia que não havia começado, com tal arte e promptidão, que assombrou o rapaz e lhe tirou os ultimos receios. A moça fazia-se complice da gloria.

### III.

Quinze dias depois, o procurador foi á casa de Luiz Borges, afim de ver o filho. Havia dois mezes que elle não punha os pés em casa do pae. A mãe receiava menos ainda a molestia do que a ingratição do filho; o procurador, entretanto, estava de algum modo satisfeito com a ausencia do rapaz.

— Venho ver o nosso pequeno, disse elle logo que entrou; minha mulher suppõe que tenha havido alguma molestia...

— Nada ha, respondeu o advogado. Está são como um pero.

— Tanto melhor. E trabalha?

— Muito.

— Bravo! Acostuma-se emfim ao trabalho. Talvez ainda falle da mania das pinturas... Não importa! ha de perder a idéa com o tempo.

— Espirito chocho! dizia comsigo o advogado olhando para José Vargas; mal sabes tu que preparo talvez a gloria do teu nome.

Sylvestre desceu a ver o pae, e dispoz-se a acompanhal-o até a casa. Na rua interrogado acerca da longa ausencia, não achou resposta adequada; não queria confessar as preocupações da arte e repugnava-lhe mentir. José Vargas venceu a difficuldade respondendo logo depois da pergunta.

— Já sei, disse elle; andas atarefado com o trabalho. Não importa! Com elle é que te has de achar. O foro não dará a todos um palacio; mas com honra, trabalho e economia pode dar honesta abastança.....

José Vargas continuava uma serie infinita de reflexões, ajustadas ao caso mas alheias ao espirito do filho. Em quanto o pae fallava, elle deixava-se ir atraz do sonho favorito. Em casa a alegria turbulenta da irmã e as lagrimas puras da mãe tiveram a virtude de o fazer baixar d'aquellas nuvens á terra solida das affeições domesticas. Poucas horas bastáram para matar muita saudade e aquietar muita afflicção. Sylvestre esqueceu alli, por algum tempo os sentimentos de outra ordem. Cahindo a noite, despedio-se não sem prometter que voltaria na seguinte semana; José Vargas foi com elle até meio caminho; logo que o deixou, Sylvestre seguiu rapido para casa.



Camilla esperava-o com anxiedade; elle encontrou-a carinhosa e risonha. Luiz Borges chegou pouco depois; conversáram da familia de Sylvestre, algum tempo, antes do chá. Quando Sylvestre se despedio dos dois protectores, disse o advogado á mulher :

— Menti hoje ao pae d'este pequeno; disse-lhe que o filho está absolutamente entregue aos meus trabalhos, quando a verdade é que só os faz por desempenho de obrigação. Ora se effectivamente tivessemos alli um talento, uma esperança, um futuro, a mentira era piedosa e o resultado viria justifical-a; mas que sabemos nós da aptidão de Sylvestre! Cousa nenhuma. Estamos a embaçar o pae, sem proveito para o filho; é levianidade pelo menos.

Camilla fez um gesto para fallar.

— Que é? perguntou o marido.

— Nada, disse Camilla depois de um silencio. Esperamos; algum tempo ainda e elle nos dará...

— Quizera contractar-lhe um mestre; mas se nada vejo do que elle faz... Já lhe propuz fazel-o entrar para a academia; recusava, porque o pae havia de oppor-se.

Camilla tivera idéa de mostrar ao marido o desenho que Sylvestre lhe dera e tal foi o motivo de seu primeiro movimento; mas a promessa feita ao rapaz de que não o mostraria a ninguem, fechou-lhe a boca. Agora, insistindo o advogado, ella ouvia em sua consciencia uma voz remota que dizia : « — Não tenhas segredo para teu marido ; » ao que outra voz mais proxima respondia : — « Lembra-te da promessa que fizeste. » Insistia a primeira : « Olha não cedas a uma puerilidade. » Accudia a segunda : « Tua palavra é um contracto. » E uma e outra falláram ainda longo tempo, em quanto Luiz Borges, suppondo ter um dialogo com a mulher, ficára reduzido a um simples monologo.

No dia seguinte, que era domingo, começou emfim Sylvestre o famoso painel que trazia dentro de si. Como se datasse uma era nova, o joven artista marcou a hora e o minuto em que lançou na tela os primeiros traços. Elle tinha a força dos creadores, que é ao mesmo tempo a fraqueza dos illudidos : a convicção de um grande papel debaixo do sol. Quantos, deante da tela ainda nua ou da folha de papel immaculada, não creem que vão trabalhar para os seculos e não chegam a trabalhar para uma semana? Sylvestre tinha essa crença ingenua, poderosa e vivaz. Elle ia dar ao mundo uma Venus nova, não melhor que as outras, mas digna irmã d'ellas.

Camilla foi ter com elle na primeira occasião azada. Elle cobrio com

uma toalha o encetado painel apenas ouviu os passos da moça; mas o gesto não tinha já o terror do primeiro dia; era antes coquetice que outra cousa.

Já trabalhando! exclamou ella.

— Já.

— Vou-me embora.

— Não, ainda não.

— É algum retrato?

— Não é retrato.

Camilla approximára-se da tela; pegou na ponta da toalha, em acção de a levantar. Sylvestre não obistou o movimento; ella não insistio. Ambos davam assim uma prova de confiança e docilidade apreciada reciprocamente.

— Só lhe peço uma cousa, disse Camilla.

— Que é? Diga.

— Não falte á promessa que me fez.

Sylvestre respondeu com um gesto de assentimento. Era o mais que podia fazer na occasião, porque não tinha voz: todo elle era olhos para a belleza incomparavel de Camilla. Vinha a moça n'um desalinho intencional, — um meio de o familiarisar com ella, e mais que nunca vio Sylvestre que não era outra a sua Venus, não podia ser outra. Camilla baixou os olhos com um gesto de Diana.

O joven artista abriu então as suas pastas de esboços e estudos; um por um mostrou-os todos á esposa de Luiz Borges. Eram correctos? Camilla não podia dizel-o; achou-os, todavia, lindissimos.

— Oh! se você me ensinasse a desenhar! exclamou ella.

— Eu? Sou apenas discipulo.

— Discipulo!

— Discipulo da natureza e de mim mesmo.

Camilla reflectio um instante.

— Pois bem, disse ella; não me ensine; não desejo roubar-lhe o tempo. Mas...

— Diga!

— Era capaz de fazer o meu retrato!

— Talvez.

Camilla interpretou esta palavra como uma affirmação, e agradeceu-o com tão infantil alegria que fez sorrir Sylvestre, não tanto de orgulho como de curiosidade.

— Mas não falle nada ao Luiz, — recommendou a moça.

— Porque?

— Eu lhe peço.

— Pois sim; sera uma surpresa para elle quando vir o retrato prompto.

Logo que Sylvestre se achou só, pareceu ter colhido nova somma de inspiração. Um bafejo creador guiou o pincel do joven artista. D'aquelle dia em diante a occupação exclusiva do rapaz era o painel. Luiz Borges comprára-lhe tudo o que era necessario á obra.

— Quero collaborar de algum modo em seu trabalho, dizia elle.

E comsigo :

— Se quando elle o tiver prompto, não me mostrar cousa que valha a pena, força é reconduzil-o ao foro, onde deverá então ficar, porque é melhor ser um bom escrivão do que um pintor detestavel.

No meio do trabalho adoeceu a irmã de Sylvestre. O pae foi um dia buscar-o para ir vel-a, porque o estado era grave, e elle não queria que os dois irmãos se separassem sem uma palavra derradeira. Sylvestre foi, travou algumas phrases com a enferma e regressou á Gamboa. Luiz Borges dirigio-lhe uma reprehensão amigavel de que o pagáram largamente os olhos de Camilla. Tres dias depois falleceu a irmã; elle foi a casa, demorou-se lá até o dia seguinte de manhã; pela volta do meio dia regressou á casa de Luiz Borges, penalizado com a morte, mas obsecado pela idéa de que vivia.

O painel seguia seu caminho. Algumas horas furtadas ao trabalho, eram passadas ao pé de Camilla, em uma doce confabulação intima; elle bebia nos olhos d'ella a inspiração exhausta em longas horas de applicação. Depois volvia ao trabalho. Cada dia que passava como que arrancava o rapaz ás cogitações d'este mundo; elle vivia de uma vida extatica e inconsciente. Não se lembrava já de ir visitar seus paes. Se o advogado lhe lembrava esse dever, elle sahia de casa para ir a vinte passos sentar-se na praia, com a sua Venus diante de si. A mae sentia a ausencia, mas o pobre José Vargas cria firmemente que elle vivia preocupado e occupado com os papeis do foro.

— Alem d'isso, dizia elle, não sei que me parece obrigar o pequeno a vir aqui, quando o Dr. Borges nos faz o favor de lhe dar casa, comida e educação. É natural que elle trabalhe em paga d'isso.

— Mas, José, um minuto ao menos que elle viesse ver nos...

— Um minuto! Só em andar gastava elle mais. Descança; elle virá quando puder.

Não podia, não iria nunca. Sylvestre já não pertencia ao mundo das cousas externas. O mundo para elle, estava limitado nos dimensões da

tela. Nem já dava aos trabalhos que o advogado lhe commettia aquella attenção com que a principio correspondera aos sentimentos d'elle. Luiz Borges desistio de o occupar mais ; comprehendeu a causa da desattenção e dispensou-o de ir ao escriptorio. Assim os dias todos eram passados em casa, entre o painel e Camilla.

Um dia, emfim, após algumas horas de trabalho, Sylvestre desceu e foi ter com a mulher do seu protector. Ella estremeceu ao ver-lhe as feições transtornadas. Interrogou-o e a resposta tranquillizou-a. Nada acontecera que prejudicasse a obra.

— Tive uma vertigem, murmurou elle.

— Uma vertigem! Anda descansar um pouco.

Sylvestre estava ainda pallido; sentou-se; a moça ficou diante d'elle alguns minutos.

— Quer saber uma cousa? perguntou Camilla. Você trabalha muito. Não quero mais isso; agora ha de fazer o que eu mandar.

Sylvestre abanou a cabeça.

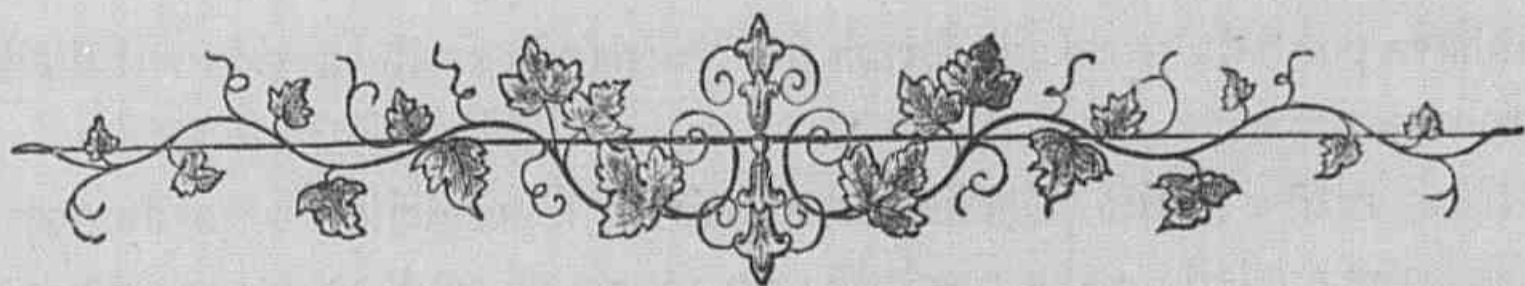
— Não é esse trabalho o que me faz mal, disse elle; é outro; é este.

Dizendo isto o moço bateu com o dedo na testa. Camilla, com as mãos arredou-lhe os cabellos, olhou para a testa silenciosamente, e pousou-lhe um beijo leve e humido. Sylvestre não corou, sentia a mesma impressão de conforto que lhe davam os beijos de sua mãe. Ergueu-se e subiram os dois. Na occasião de descer, Sylvestre, a pesar de incommodado, cobrira instinctivamente o painel.

(Continuar-se-ha.)

VICTOR DE PAULA.





## LUCIA.

---



ão tem preambulo.

Tio Jeronymo era um honrado aldeão muito trabalhador, e tão economico, que ainda depois de oito annos de ausencia da lusa-patria, conservava em bom estado uma calça de alçapão largo, uma jaqueta de panno azul com alamares de retroz, e um castiço chapéo de Braga.

Era este o seu fato de ver a Deus, cuidadosamente conservado, talvez como lembrança lá da terra.

A economia, alem de ser uma virtude, é um capital que se põe a juros; por isso, o tio Jeronymo possuia alguns *pintos* aninhados no fundo da caixa, convenientemente agasalhados n'um pé de meia.

Vão saber por que razão veio elle cá para o Brazil, onde teve de cumprir o seu fadario.

Um dia o furacão da morte deitou por terra a sua querida metade, ficando, por conseguinte, viuvo o bom aldeão, na freguezia do Minho, districto de Barcellos.

Depois deste lamentavel acontecimento, a sombra da tristeza o acom-

panhava por toda parte, de forma que, tornando-se-lhe a vida enfadonha, resolveu viajar.

Duas razões muito ponderosas actuáram no espirito do tio Jeronymo para levar a effeito a sua resolução : a morte da mulher, e a proscricção de D. Miguel, de quem era aferrado partidario.

Lembrou-se ainda, que um seu parente, tambem desgostoso por negocios de familia, havia tentado uma viagem ao Brazil, onde morrera feito barão, e apressou-se em vir respirar os ares da terra de Santa-Cruz.

Vendeu alguns bens que possuia, e embarcou para o Brazil, trazendo em sua companhia uma velha cunhada, e Lucia sua filha unica, apenas de quatro annos de idade.

A cunhada do tio Jeronymo, com quanto já tivesse ingresso na casa dos quarenta, era todavia uma matrona robusta e bem disposta, capaz ainda de dar ao mundo uma prova de que era mulher.

Apesar disto, o tio Jeronymo carecendo de quem lhe cuidasse da filhinha, e não querendo dar pasto as más linguas, havia concebido a idéa de casar-se com ella assim que chegasse á terra, embora mesmo que a mulher não devesse nada á elegancia do corpo, nem á formosura do rosto.

N'isso mostrava ser elle um homem de juizo, porque lavando em casa *roupa suja*, resultava-lhe d'ahi alguma conveniencia.

A cunhada, posto que fosse grosseirona, era muito fina e perspicaz, por isso que já pela cara lhe tinha sondado o coração. Assim era de crer porque Lucia durante a viagem encontrava n'ella todos os cuidados de uma extremosa mãe.

Chegáram ao Brazil.

Porem infelizmente, parece que o tio Jeronymo navegava ainda nos mares do seu caiporismo, porque apenas a boa mulher poz pé em terra, atirou-se com vontade a um cácho de bananas de S. Thomé, resultando disso uma indigestão, da qual veio a esticar as canellas!

Ficou, pois, o tio Jeronymo em terra estranha, sem conhecimento algum, e com uma criança a quem tinha de dar educação.

O pobre homem não se ageitava a tratar de uma menina que carecia ainda do calor de mãe. Isto muito o incommodava, tanto mais quando se via elle embaraçado para cuidar dos meios de vida.

Fiel á memoria de sua defuncta mulher não pensaria mais em casamento ; porem , a necessidade obrigava-o a procurar uma companheira.

Era difficil e espinhosa a romaria em que andava o tio Jeronymo : sem conhecer ninguem, em um paiz estranho, receiava, com bom fundamento,

comprar alguma fazenda avariada esbarrando com alguma *furia* em vez, de uma pacifica companheira.

Religioso como era, lembrou-se então, que na casa do Senhor é que podia encontrar uma santa mulher para mãe de sua filha.

Costumando ir á missa todos os domingos, vio na igreja uma mulher que resava mui attentamente. Por entre as rendas da mantilha, que então se usava, observou que ella tinha uma physionomia agradavel, se bem que um pouco velhusca.

Continuou a frequentar a igreja, e sempre que lá ia, encontrava a boa mulher, correndo os dedos por um rosario de côco, fazendo constricta oração. Cada vez que o sacristão tocava a campainha, ella batia nos peitos, como que pedindo remissão de seus peccados.

Depois que acabou a missa veio o tio Jeronymo collocar-se junto á pia d'agua benta, para onde se encaminhou a beata, mergulhando n'ella os dedos: — fez ahi uma cruz na testa, e sahio ainda resmungando o *credo*.

Esta mulher me serve, disse o tio Jeronymo.

No dia seguinte, tratou elle de syndicar da vida e costumes da devota.

Veio a saber que era ella viuva de um antigo tambôr-mór das milicias, reformado, e que o seu procedimento não infringia os preceitos da moral. Passava por uma mulher honesta.

Tio Jeronymo que era um minhôto decidido, não procurou meios termos: pôz-se a pannos direitinho para a casa da viúva. Lá chegou, e depois de dois ou tres arrancos, expôz sem mais ceremonias quaes eram as tuas tenções.

D. Bernarda, assim se chamava a mulher, estava ainda frescalhona, a não havendo perdido as esperanças de encontrar substituto ao fallecido tambor-mór, acolheu com prazer a visita do tio Jeronymo; porem deu-lhe ainda por mera formalidade, tres dias de espera para o *sim*.

N'esse lapso de tempo calculou ajuizadamente que era pobre, a velhice já lhe vinha fazendo carêtas, e por isso fazia boa aquisição na alliança, embora o tio Jeronymo fosse um tanto abrutalhado e trouxesse comsigo uma filha. A melhor recommendação que elle tinha, eram os seus *pin-*  
*tos.....*

D. Bernarda habitava a metade de uma casa, tendo por unico companheiro Antoninho, fructo unico do seu amor com o fallecido rufador de caixas, sem metter em conta um trelente papagaio e um eachorrinho fel-pudo que dava pelo nome de *Cupido*.

Tio Jeronymo depois de obter o *sim*, continuou a frequentar a casa de

D. Bernarda, até que chegasse as vespas do Natal, que estavam destinadas para o consorcio.

O innocente papagaio que se conservava em uma gaiola na porta, um dia que o tio Jeronymo sahia da casa de sua senhora, bateu as azas alegremente, e depois de uma risada gostosa, disse : *Meu rico? para Portugal!*

Encafifou o tio Jeronymo com a risada do espirituoso passaro; queixou-se a D. Bernarda, e lá foi o papagaio degradado para a cosinha, em cuja ergástulo enfumaçado teve de cumprir a pena que lhe foi imposta.

Lá mesmo, sempre que havia máo tempo, elle resmungava : *Para Portugal...*

Hão de se persuadir que o papagaio embirrou com o tio Jeronymo; ao contrario, era como que um conselho que elle dava ao bom homem.

Na noite do Natal, a casa de D. Bernarda, cheirava a bôdas! — o papagaio recuperou a sua liberdade, e o *Cupido* brincava alegremente com Lucia e Antoninho correndo de um para outro lado.

Tio Jeronymo e D. Bernarda estavam amarrados!

Ella que tinha dedos geitosos para os *quitutes*, alem de muitos pratinhos appetitosos que preparou para o jantar, esmerou-se numa apimentada *moquéca* de camarões, que, de todas as iguarias, foi a que teve mais sahida.

Poucos foram os convidados, porque D. Bernarda não gozava boa sympathy de seus vizinhos.

O tio Jeronymo, lembrando-se lá da terra, preparou tambem para a cêa um adubado *caldo de unto* e magusto com papas, que foi muito apreciado.

Sirva de prologa as linhas que deixo escriptas.

D'aqui começa a historia de Lucia.

\* \*  
\*

Descorreram dez annos.

Economico e trabalhador como era o tio Jeronymo, tinha conseguido augmentar algum peculio.

Lembrou-se um dia que o dinheiro assim parado não *perfilhava*, e que era necessario pôl-o em giro.

Chamou a mulher, entráram em conselho, e decidio-se que o cobre fosse posto a juro n'uma casa bancaria.

Depois de algum tempo, o banqueiro que já andava com serias avarias,



nafragou nos arrecifes da especulação, e lá foram á pique os cobres do tio Jeronymo!

Da noite para o dia vio-se o bom homem mais pobre do que tinha vindo da sua terra.

Dos salvados d'esse naufragio, tocáram-lhe apenas vinte por cento; e antes que algum outro especulador se encarregasse de consumil-os, comprou uma pequena chacara com os restos mortaes do seu capital, e fez n'ella a sua residencia.

Tratava ahi da criação de aves e plantação de fructas, que aos domingos vinham ser vendidos na cidade.

D. Bernarda, lá mesmo do seu retiro, cada vez que se lembrava da escamotage porque passou o seu dinheiro, rogava pragas a todos os banqueiros do mundo.

Viveu ella algum tempo contrafazendo o máo genio que tinha, illudindo ao principio ao tio Jeronymo, que se julgou feliz sómente por alguns mezes.

A vida do sitio tornou a velha insupportavel, que já então não podia encobrir o genio irascivel, e quasi sempre era Lucia a victima innocente das suas perversidades.

Compungia o coração ver a pobre menina, pela sua triste condição de orphã, privada dos carinhos e afagos de mãe, supportar resignada os rancores de uma madrasta injusta.

Chorava muitas vezes pelos máos tratos que recebia, porem nunca revelou nada a seu pae, receiando dar-lhe desgostos, alem de que nada aproveitaria com isso, porque a mulher tinha muito imperio sobre o marido.

Como os de casa são muitas vezes os ultimos a saberem o que n'ella se passa, o tio Jeronymo posto que já tivesse desconfianças das injustiças que a mulher praticava com sua filha, ignorava ainda muita cousa a esse respeito.

Era costume quando o velho vinha dos trabalhos da roça, Antoninho e Lucia irem recebê-lo em caminho, e elle contente e satisfeito dava as mãos aos filhos, e assim entravam para a casa.

Um dia, Antoninho que estava na porta, avistando o velho que aproximava, exclamou :

— Mana, ahi vem nosso pae; vamos ao seu encontro.

Lucia preparava-se para sahir, quando D. Bernarda bradou-lhe com voz imperiosa :

Onde vai? A senhora não tem que fazer lá. Acabe de socar o milho

para as aves miúdas, porque Vm<sup>ce</sup> já não está em idade de andar saltando ahi pelo campo como um cabrito!

— Não se zangue, minha mãe, eu não sabia que.....

A madrasta que n'esse dia estava com seus azeites, atalhou brusca-mente :

— Eu não sou mãe de ninguém!

Lucia, abaixando os olhos, enxugou uma lagrima e continuou no trabalho que lhe havia sido ordenado.

Antoninho que entristecia cada vez que a mãe ralhava com Lucia, não quiz tambem ir ao encontro do pae.

Assim que o tio Jeronymo entrou em casa, indo a filha tomar-lhe a benção costumada, observou que ella tinha os olhos avermelhados.

— Que tens, minha filha, choraste?

— Não, meu pae, é por causa da fumaça que.....

— Um..... um... resmungou o velho, olhando á furto para D. Bernarda, isto assim não vai bem.

\* \*  
\*

N'esse mesmo dia, depois do jantar, o tio Jeronymo e D. Bernarda conversavam sentados á porta da casa. Tratavão de Lucia, e pareciam arrufados. — ... n'isso a senhora não tem razão... a menina trabalha, e trabalha mais do que se deve esperar da sua idade. Ha de concordar que ella e Antoninho já nos dão muito serviço.

— Antoninho, sim, continuou D. Bernarda; porém Lucia é uma albardeira : se faz alguma cousa é sempre mal feita, e isso mesmo é preciso mortificar-me.

— Mas devia saber, que uma das razões que me obrigou a casar com a senhora, como lhe disse antes, foi a necessidade que tinha de uma mãe para minha pobre filha, que ficou n'este mundo sem ter quem d'ella tratasse, e lhe desse a educação domestica, tão necessaria a uma mulher.

— Sim, Senhor;... mas creia que sua filha, alem de mal ageitada e respondona, lhe tenho notado muita falta de brio.

Tio Jeronymo mordeu o labio inferior, conteve-se, e respondeu.

— Não posso crer n'isso, porque tenho observado o contrario; permitta-me esta franqueza. Lucia respeita-a?

— Tem obrigação d'isso.

— Obedece-lhe?

— Não faz mais do que o seu dever.

— Estima, ama Antoninho como seu proprio irmão?

— Quem sabe... muitas vezes as apparencias illudem.

— Que razão tem a senhora para suppor o contrario? Já ouviu alguma queixa entre elles? Algum dia a discordia veio perturbar os seus brincos da infancia? Olhe, lá estão elles na mais doce amizade fraternal, alegres e satisfeitos, recolhendo a roupa que ficou estendida na relva para enxugar.

Ha de concordar, minha mulher, que o seu procedimento é máo...

— Pelos modos parece que o senhor hoje me quer tomar contas?

— Talvez que.... ha muito tempo tenha razões para isso.

— Tomar contas a mim?... Era o que faltava, senhor Jeronymo! O Senhor já caduca!

— Senhora, fallemos serio; ha muito tempo que eu tenho procurado pelos meios brandos e persuasivos de convencer-a que o seu procedimento em relação á Lucia, não é proprio de uma mulher de bom pensar. E a Senhora, tornando-se sempre indifferente ás minhas palavras, que importam quasi uma supplica, continua a maltratar essa pobre menina que não lhe offende; antes pelo contrario, procura adivinhar os seus pensamentos.

— É o que lhe parece.

— D. Bernarda! a senhora não corresponde a esse sentimento nobre e generoso que tem encontrado em mim, nem se compenetra dos deveres que a religião impõe, e a sociedade espera de uma madrasta!

Lembre-se, ao menos, que o meu procedimento em relação a seu filho, é muito diverso do seu para com aquella que desde tenra idade ficou privada das caricias e afagos de uma mãe.

— E porque.....

— Não me interrompa, senhora! deixe, ao menos, que este desgraçado velho dê expansão aos sentimentos que tem abafado em seu coração mirrado pelo desgosto.

Amanhã irei dar contas a Deus do papel que representei no theatro do mundo, e o unico sentimento que levo, é deixar a minha pobre filha abandonada, orphã, sem ter quem lhe defenda dos perigos da vida e a livre das garras da desgraça.

Ficou tão commovido o pobre pae, que deixou cahir a cabeça entre as mãos para occultar duas grossas lagrimas que roláram pelas enrugadas faces.

— Já acabou, senhor Jeronymo? Nunca lhe vi assim com um ar tão comico!

— Não zombe da desgraça, senhora! respeite, ao menos, a dôr de um pae.

— Eu lhe acreditaria, se, pelo que me tem dito, não o julgasse fôra de estado de deliberar!

Estas palavras produzirão no desventurado velho o mesmo effeito que a dentada de uma vibora! Levantou-se machinalmente, e cerrando os punhos, exclamou tremulo de raiva :

— Cale-se, senhora! cale-se por piedade, se não me quer deitar a perder. Não me acabe a paciencia, pois do contrario eu não respondo por mim!

D. Bernarda levantou-se furiosa, atirou com violencia ao chão uma bilha d'agua que estava sobre a janella, e na pontinha dos pés, com as mãos á cintura, exclamou :

— Grandecissimo barbas d'alho! pensa que me assusta com os seus rompantes? Bata-me, faça o que lhe approuver, mas creia que sua filha, a culpada de tudo isto, me ha de pagar! E dizendo isto retirou-se bruscamente. O velho, magoado de desgosto, exclamou :

— Meu Deus! quanto me enganei! Julguei encontrar na vossa casa uma santa mulher para mãe de minha filha, e achei um demonio encoberto com o manto da religião!...

E realmente, muita gente pelo facto de ir á igreja fazer orações, se julga bem com Deus, e por isso habilitada a commetter novos peccados, sem lembrar-se que a pratica de boas acções e o amor do proximo é o verdadeiro caminho da salvação.

(Continuar-se-ha.)

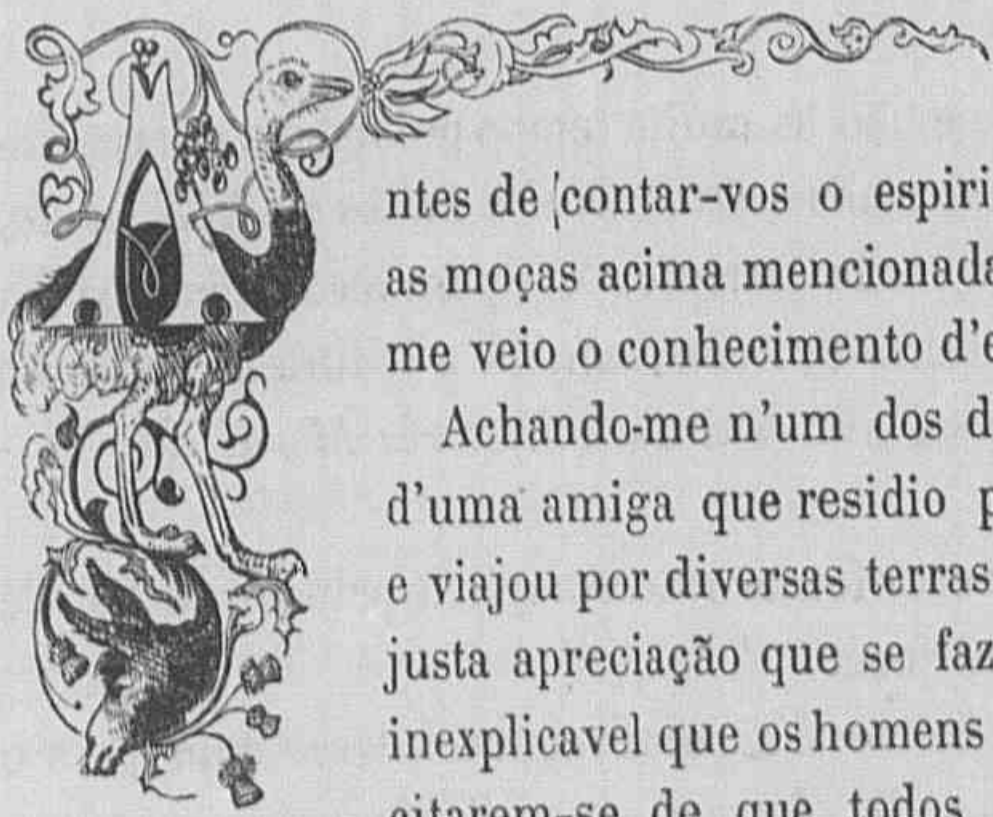
LEOCADIO PEREIRA DA COSTA.





## SUZANNA E JOANNINHA.

---



antes de contar-vos o espirituoso facto acontecido com as moças acima mencionadas deixai que vos diga d'onde me veio o conhecimento d'elle.

Achando-me n'um dos dias do mez passado em casa d'uma amiga que residio por muito tempo em França e viajou por diversas terras, viemos a fallar sobre a injusta apreciação que se faz do nosso sexo, e o afferro inexplicavel que os homens teem em não quererem capacitarem-se de que todos os nossos defeitos (porque, amaveis leitoras, cumpre confessarmos que os temos) proveem da falsa educação, ou melhor diríamos, instrucção que nos é dada por esses que suppondo amar-nos não fazem mais do que cavar a nossa ruina.

— Si eu soubesse manejar uma penna, disse Amalia (é o nome da minha amiga) não quizera escrever uma linha que não fosse em favor das mulheres, porque doe-me profundamente vel-as sem defeza.

— Folgaria ver-te empenhada em tão nobre empreza, disse-lhe eu, mas felizmente ha alguns escriptores que fugindo á cegueira da paixão apreciam-nos devidamente e tem escripto em nosso favor.

— Quem são esses? perguntou ella.

— De momento não poderia dizer-te o nome de todos os que se teem occupado d'esse assumpto porque não ignoras quão fraca é a minha memoria, mas de dois lembro-me eu por serem meus predilectos.

— Como se chamam? perguntou ella.

— Gabriel João Maria Baptista Legouvé (pae) e Ernesto Legouvé (filho).

— Sabes qual é o titulo da obra?

— Do pae, ou do filho? tornei-lhe eu.

— Pois ambos se occupáram do mesmo assumpto? perguntou-me admirada.

— Sim, o pai além de muitas outras obras que escreveu foi autor do *Merito das Mulheres* de que te recommendo a leitura. Logo na dedicatória que faz á sua mulher vê-se quaes são os sentimentos que o animam relativamente ao nosso sexo. Essa obra não teve menos de 50 edições.

— Ha de ser já muito antiga, não é assim?

— Não muito, tornei-lhe eu, porque Legouvé pai ainda foi do nosso seculo, tanto que morreu em 1811.

— E o filho?

— O filho, esse ainda vive e não ha muito tempo publicou a quarta edição d'uma magnifica obra intitulada : *Os Paes e os Filhos no XIX seculo*, além de muitas outras que já havia escripto. Mas para reconciliar-te com os escriptores barbados aconselho-te instantemente a leitura do livro que elle (Ernesto Legouvé) publicou com o titulo : *Historia Moral das Mulheres*; verás, é admiravel!

N'este ponto de nossa conversa fomos interrompidas pelo pai de Amelia que até alli nos escutára silencioso.

Tu que andas sempre em busca d'alguma cousa interessante para o *Jornal das Familias*, disse-me elle, folgarás sem divida que te conte um facto acontecido com Legouvé pae, e do qual fui testemunha ocular pois achava-me na casa onde elle se deu; isto poderá agradar ás tuas leitoras e nos distrahirá um pouco agora.

— Ouvil-a-hei com gosto, tornei-lhe eu e desde já vou tomar minhas notas para repetil-a com fidelidade.

— É trabalho desnecessario, tornou-me o velho porque eu a tenho escripta.

— Tencionaveis acaso publical-a! perguntei-lhe.

— Não por certo, mas escrevia receioso de esquecer alguma circumstancia si se confiasse exclusivamente á memoria.

E por fallar em memoria, é melhor que t'a leia do que t'a conte, porque pode escapar-me alguma cousa : ha tanto tempo que isso aconteceu !

Espera, vou buscal-a e volto já.

Pouco depois veio trazendo na mão um papel bem amarellado pelo tempo e começou a leitura que se segue , e que aqui transcrevi com a mais escrupulosa exactidão.

## LEITURA.

Legouvé pae ia para Dieppe, onde o esperava um velho amigo de collegio, afim de que assistisse a uma festa de familia.

Acommettido em viagem por uma accesso de febre teve d'abrigar-se n'uma modesta hospedaria.

O incommodo que ao principio parecêra leve agravou-se de tal forma que seu criado temendo pelos dias do amo julgou prudente ir chamar um medico; antes de sahir, porém, recommendou calorosamente o enfermo á hospedeira, dizendo que o zelasse muito porque era o senhor Legouvé, membro da Academia franceza e o autor do *Merito das Mulheres*.

Logo depois da sahida do criado, duas senhoras, d'aspecto muito aristocratico, apeáram-se d'um rico trem á porta da hospedaria e pediram um quarto para repousarem algumas horas.

Uma era a baroneza de X. e a outra sua irmã, mulher d'um official general do exercito.

Por uma coocidencia inexplicavel dirigiam-se tambem para Dieppe, e ião para a mesma casa onde esperavam Legouvé que ellas não conheciam, mas admiravam como o cantor das ternuras maternas e da dedicação feminina.

Em breve espaço de tempo souberam, pela hospedeira, quem era seu vizinho de quarto. Ao ouvirem pronunciar o nome de tão sympathico escriptor as duas irmãs trocáram um olhar de intelligencia e conceberam um plano que ao ficarem sós communicáram uma á outra, e puzeram logo em execução com a connivencia da dona da hospedaria; sem a qual não o teriam podido levar a effeito.

O projecto foi substituirem suas galas por um traje completo de camponezas e constituirem-se enfermeiras de seu poeta querido, dando-se o nome de Suzanna e Joanninha.

Tendo completado a transformação apresentáram-se a Legouvé como

duas sobrinhas da hospedeira , e como taes lhe offereceram seus serviços até que voltasse o criado.

Este voltou com effeito d'alli a pouco trazendo comsigo um medico, que depois de examinar o doente receitou uma poção , recommendou repouso, e retirou-se.

As suppostas camponezas convenceram o criado de que necessitava descansar, e podia confiar n'ellas para ministrarem ao doente tudo o que lhe fosse necessario. O criado acceitou a proposta porque realmente sentia-se fatigado e Legouvé , abatido pela febre , agradeceu-as com um sorriso cahindo pouco depois em profunda somnolencia.

Sentadas junto do leito veláram com grande solitudine, confessando-se internamente que nenhuma noite de baile que até então haviam desfructado lhes causára tanta satisfação como a que passavam, no character d'enfermeiras, á cabeceira d'esse illustre enfermo.

Lançando casualmente os olhos para uma meza, a baroneza vio um livro cuja rica encadernação attrahio sua curiosidade ; era o *Merito das Mulheres* que ellas já conheciam. Decidiram lel-o durante o somno do enfermo fazendo por intervallos suas reflexões em linguagem apropriada ao papel que representavam.

— Que bonito livro este, disse Suzanna á irmã , se fosse meu d'entre em pouco eu o saberia de cór.

— E eu tambem , respondeu Joanninha , é o amigo das mulheres ; faria bem aos nossos maridos se o lêssem, não achas?

— Acho , pois não, e se descobrir onde se vende hei de comprar um para mim, ainda que para isso tenha de vender minha cruz de ouro e os meus brincos.

Durante essa conversa Legouvé havia-se desprendido do torpor da febre e estava acordado mas não o manifestava para poder ouvir o que diziam as camponezas ; ellas por seu turno bem se haviam apercebido que eram ouvidas mas, intencionalmente continuáram n'esse tom até que o doente arrastado por esses candidos elogios exclamou : « Pois bem offereço-vos este livro ; aceitai-o, na certeza de que não foi jámais tão bem interpretado, nem causou, a quem quer que seja, tão ingenua admiração ; tanto mais grata ao coração de seu autor. »

As falsas camponezas fingem-se admiradas e confundem-se em agradecimentos.

O poeta lançando mão d'uma penna que alli estava perto traçou na primeira pagina do livro estas palavras : *Offerecido pelo autor a Suzanna e Joanninha.*



No dia seguinte a febre tendo desaparecido, Legouvé seguio para seu destino, desejoso d'abraçar o amigo que igualmente o esperava.

Passado o primeiro momento d'effus o depois de sua chegada e tendo mudado de roupa, o illustre membro da Academia franceza foi apresentado na sala onde grande numero de pessoas anciavam por conhec lo.

Comprimentou vagamente varias pessoas sem distinguir nenhuma ao principio, mas de subito parou estupefacto no meio d'um cumprimento porque entre as pessoas que o felicitavam julgou distinguir Suzanna e Joanninha, não já de saia curta e sapatos grossos mas revestidas d'um esplendido vestuario de baile, tendo o cabello ornado de flores e o collo scintillante de pedrarias.

Uma tal semelhança levou-o a perguntar   dona da casa desde quando esses duas senhoras se achavam em sua casa.

— Desde hontem, respondeu casa.

— Parece incrivel, insistio o escriptor, como que fallando comsigo s , tanta semelhança!!

— Semelhança! perguntou a Senhora, e com quem?

— Com duas sobrinhas da dona da hospedaria onde tive de demorar-me por causa da febre, como já vos disse.

— Admira-me como chegasseis a perguntar-me desde quando essas senhoras se achavam aqui visto haver entre essas quatro pessoas parecidas tanta differença na posição social.

— Tendes razão, insistio o poeta, mas asseguro-vos que tanta semelhança nunca se deu na natureza!

D'alli a pouco fomos jantar. Estando-se na sobremeza pediram a Legouvé que l -se um trecho de seu notavel poema : *O Merito das Mulheres*.

— Não posso satisfazer-vos, senhores, disse elle, porque o ultimo exemplar que me restava, e trazia commigo para dal-o à mulher de meu amigo, dei-o às duas camponezas que me vel ram na hospedaria onde adoeci.

— Não sirva isso d'obstaculo, disse a baroneza dando a Legouvé um livro, aqui tendes o meu exemplar; trago-o sempre commigo, para prova do quanto elle me agrada.

O poeta abre o livro e fica de novo estupefacto lendo na primeira fôlha as palavras que na vespera havia traçado no exemplar que dera  s enfermeiras.

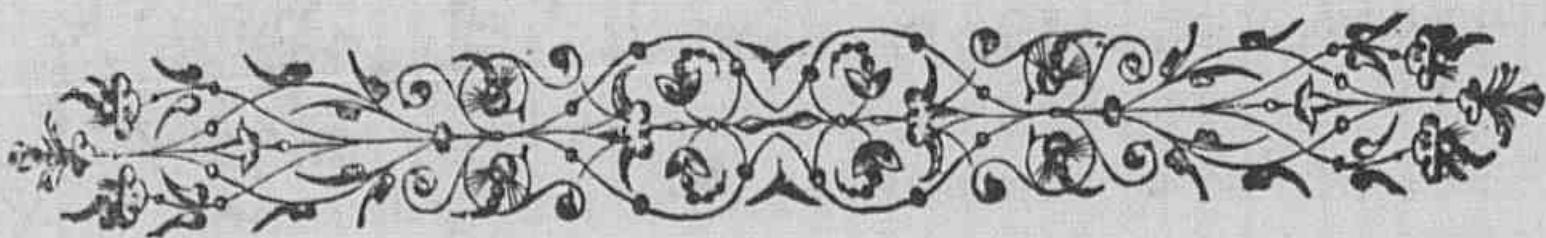
— Oh! exclamou elle, olhando para as duas irmãs, eu não me havia enganado!

Durante esta scena a dona da casa e as duas senhoras trocaram entre si olhares e sorrisos de intelligencia que tudo explicaram ao sincero admirador das mulheres que contou todo o occorrido aos circumstantes e disse por fim :

Julgava ter apontado todas as admiraveis qualidades que adornam vosso sexo, senhoras, mas reconheço que estou longe de tel-as enumerado todas no *Merito das Mulheres*.

VICTORIA COLONNA.





## VARIEDADES.

---

### TRADIÇÕES : ANTONIO GONÇALVES.

Vasco Peres era um soldado reformado do regimento velho, residente na rua de D. Manoel em uma casinha de rotula e janella, tendo por unico companheiro um cão chamado Fuzil.

Fuzil era um animal esguio de olhar vivo, esperto, muito obediente e muito amigo de seu Senhor. Acompanhava-o para todo o lugar, caminhando sempre adiante como para mostrar-lhe o caminho; se o soldado parava, o cão tambem não dava mais um passo, e se a demora era longa, deitava-se até que o senhor proseguisse a marcha; andava com passo lento e grave como se tivesse aprendido o manejo militar e era mais propenso a festejar os militares que os paisanos; todavia ninguem encostasse o dedo no soldado, porque tinha de experimentar os dentes do Fuzil.

Passeava um dia Vasco Peres pela rua Direita, quando encontrou-se com Antonio Gonçalves, homem pobre, mas de boa conducta, que vivia com a familia do bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de S. Jeronymo.

Devia Vasco Peres uma pequena quantia a Antonio Gonçalves, que exigio-lhe o pagamento, porem o soldado enraiveceu-se e soltou palavras desabridas que offenderam de tal modo a Antonio Gonçalves que este impellio-o com as mãos; immediatamente o cão avançou-lhe á perna, e mordeu-a.

Vasco apreciou o acto de seu cão, mas Antonio Gonçalves irritado de-

terminou vingar-se; de feito, passados dias, foi á casa do soldado, e vendo o cão deitado na rua, á entrada da porta, deu-lhe de surpresa tão forte cacetaea, que deixou-o morto. Vasco sentio a morte de seu cão, seu fiel e dedicado amigo, e sabendo quem o matará foi esperal-o em lugar recondito e vendo-o passar, acutilou-o com o sabre de modo a deixal-o exanime no chão.

Sendo preso, foi sentenciado no arcabuz pelo conselho de guerra, mas, arrependido do que praticára implorou a protecção do bispo D. Francisco de S. Jeronymo, que dirigio-se ao governador Fernando Martins Mascarenhas, e conseguiu o perdão do culpado.

Referindo este facto diz o chronista :

« Medianeiro entre o governador D. Fernando Martins Mascarenhas e um soldado sentenciado ao arcabuz, conseguiu o bispo com o perdão do castigo, que o delinquente fosse depois perfectissimo religioso, succedendo então outro facto semelhante ao que aconteceu pela intercessão de S. Felix de Valois. »

Quanto a Antonio Gonçalves restabeleceu-se dos ferimentos, porem, em consequencia da mordedura do cão, sobreveio-lhe na perna uma ulcera de tão máo character, que muito tempo padeceu molestia grave, para a qual não descobrindo remedio, resolveram os cirurgiões praticar a amputação da perna.

Recebeu o doente os sacramentos antes do dia destinado para a operação, como era uso; mas dilacerado dia e noite por dores violentas, mandou o bispo D. Francisco de S. Jeronymo buscal-o em braços, e leval-o á capella do palacio episcopal para supplicar o allivio e protecção da Mãe de Deus.

Collocado o enfermo nos degráos do altar da Senhora da Conceição, exhortou-o o bispo para que confiasse na providencia divina, donde só podia esperar melhoras de seu padecimento, e com o azeite da lampada, que ardia em frente do altar, untou a perna do enfermo. No dia seguinte Antonio Gonçalves estava são.

Expressa-se assim o chronista.

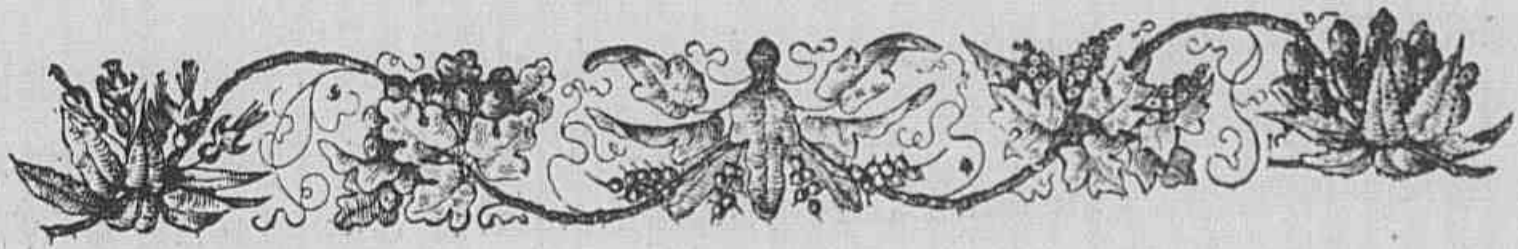
« Residia com a familia do mesmo bispo um Antonio Gonçalves, homem pobre, mas de boa conducta, que por tempo dilatado padecia molestia grave n'uma das pernas, cuja mutilação se esperava como remedio ultimo. Em taes circumstancias se administráram os santos sacramentos ao enfermo, antes do dia destinado á operação; e como as dores eram continuas, passava o miseravel Gonçalves as horas do dia e da noite em piedosos gemidos, que atravessavam o terno coração de seu bemfeitor, por quem foi mandado levar nos braços á capella, para supplicar o alivio e protecção da

Mãe de Deus. Posto o enfermo nos degrãos do altar de N. S. da Conceição alli o persuadio o bispo á ter segura fé em tão prodigiosa Protectora, esperançando-o de conseguir o remedio pretendido da melhora, se n'ella confiasse com o devia; e com o oleo da lampada da mesma Senhora (imitando a S. Diogo n'esse modo de curar enfermos) lhe untou a perna. Sem outro beneficio, como se dissesse *surge et ambula* — amanheceu Gonçalves são, authenticando as virtudes de tão prodigioso medico, por cujas preces ficára livre da molestia e de padecer, ao menos, a diminuição da perna » (1).

D<sup>OR</sup> MOREIRA DE AZEVEDO.

(1) V. *Memorias historicas de Pizarro*, vol. 4<sup>o</sup>, pg. 85.





## POESIA.

---

### INVOCACÃO.

Formosa virgem dos valles,  
Visão dos tempos de Deus,  
Vem, corre, transfórma, alimpa  
Meus pensamentos atheus.

Preciso das tuas vozes,  
De teu innocente ardor.  
Vem, bella virgem dos valles,  
Vem me fallar do Senhor.

Sae d'esse ninho de grama,  
— Lavor das mãos de teu pae.  
Vem, bella virgem dos valles,  
Vem ver a manhã que cae.

Formosa virgem dos valles,  
Visão dos tempos de Deus,  
Vem, corre, transfórma, alimpa  
Meus pensamentos atheus.

De rude algodão vestida,  
Qual nas eras pastoris,

Vem, bella virgem dos valles,  
Insinar-me a ser feliz.

Saltando co' os alvos sóccos,  
Pizando em combros de flor,  
Vem, bella virgem dos valles,  
Convencer-me do Senhor.

Formosa virgem dos valles,  
Visão dos tempos de Deus,  
Vem, corre, transfórma, alimpa  
Meus pensamentos atheus.

\*\*\*





## MODAS.

---

### DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

*Primeiro vestuario* para passeio. — Este traje é de *faille* azul dito *pavão* escuro.

Saia levando um fôlho com preguinhas. A tunica tem muitas pregas atraz e um franjado azul; a tunica é de adamascado verde-amarello; um viez grande de *faille* azul collocado sobre o lado.

Corpinho-casaca de adamascado verde; nas costas uma tira grande de *faille* azul até em baixo; no corpinho, gola pequena com reverso; manga azul com canhão de adamascado.

Chapéo de palha de Italia ornado com uma manta de garça amarella; um laço pequeno de renda branca e amarella collocado um pouco sobre o lado; por cima uma pluma branca.

*Segundo vestuario.* — Trajo de cassa branca para joven commungante.

Saia ornada com um fôlho franzido levando um plissé por cima. Tunica singela ornada unicamente com um viez; é aberta sobre o lado e a aba atraz arregaçada forma duas pregas. A algibeira leva pregas sobre o lado; touca pequena de filó dito *illusão*. Véo grande de cassa.

*Terceiro vestuario.* — Trajo dito estylo bretão de moháir côr de tilia. Paletó grande ornado com galões bordados de amarello e botões pequenos e alamares de retroz mais escuro.

A tunica forma a ponta sobre o lado; é alguma cousa aberta, arredonda atraz e ornada d'um galão irmão do paletó. A saia é de *faille* mais escura e ornada de fôlhos franzidos.

Chapéo de palha levando uma pluma côr de tilia e de outra côr de rosa; *plissé* de filó branco debaixo do chapéo com botões de rosa pequenos.

---

## TRABALHOS.

---

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS E TRABALHOS.

Nº 1. — *Desenho para frente de altar, alva ou toalha.* No primeiro caso borda-se sobre fazenda de seda: o ramo de liz de fios de ouro e o interior



das folhas e dos petalos de laminas pequenas de ouro, cosendo cada uma d'ellas em cada angulo com um ponto de retroz côr de milho. Poderia-se fazer ao passé com fios de ouro as iniciaes de Maria e os raios de laminas pequenas de ouro bem luzido. O bordado inteiro poderia tambem executar-se em ponto chainette de retroz branco; o interior das folhas em ponto lançado.

Se o desenho fôr para alva ou toalha de altar, executa-se elle sobre filó e a obra toda em ponto de serzido. Pode-se, querendo, repetir o ramo de liz na parte superior da obra.

Nº 2. — *Cercadura para confection, cortinas, etc.* Pode-se executar-a sobre tafetá preto ou de côr; sobre crepe, grenadina, filó ou cassa. Em todos os casos a obra toda se faz em ponto de festão; depois de acabada, recorta-se a fazenda debaixo das barrinhas. A estampa mesma pode servir como transparente.

Nº 3. — *Desenho para chinellas.* Os botões se fazem ao *passé* de retroz de côres naturaes, isto é côr de rosa e verde claro, o resto de trancelim de ouro ou de côr, sobre a fazenda que se escolher.

Nº 4. — *Tira para poltrona pequena, reposteiros, almofadas, cordão de campainha, etc.* A obra toda ao *passé* d'uma cor só sobresahindo sobre o fundo.

Nº 5. — *Entremeio para roupa fina para criança.* — *Cordonnet* e barrinhas.

Nº 6. — *Canto de lenço com S. M. entresachadas.* Plumetis, grãos e ponto de *cordonnnet*.

Nº 7. — *Desenho redondo para toalha.* Fazer a obra toda ao *passé* de côr sobresahindo sobre o fundo ou fazel-a de fios de ouro.

Nº 8. — *Quarta parte de lenço.* Plumetis, ilhós e festão.

Nº 9. — *Galão para guarnição de trajo.* Este galão se faz sobre qualquer fazenda, de trancelim ou em ponto de *chainette*. O nosso modelo era sobre uma fita de veludo preto, bordado em ponto chainette de lã côr de rosa.

Nº 10. — *Desenho para barrete grego* que tambem serve como tira para traste ou cercadura de trajo bretão; é feito com trancelim de côr ou de ouro em ponto de chainette ou de mignardise.

Nº 11. — *Circulo do barrete* que se faz da maneira que explicámos para a tira.

Nº 12 até nº 19. — *Nomes e iniciaes ornados.*

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

### VERSO DA PRECEDENTE ESTAMPA DE BORDADOS.

*Molde d'um paletó para menino ou menina de 6 para 10 annos.*

Nº 1. — *Frente.*

Nº 2. — *Costas* que se cortam de dois pedaços.

Nº 3. — *Manga;* a parte inferior está marcada.

Nº 4. — *Algibeira;* colloca-se ella no lugar designado.

Nº 5. — *Debuço do paletó* depois de acabado. O nosso modelo era de panno leve fantasia côr cinzenta. O bordado era em ponto chainette de lã

branca muito fina. O bordado pode ser tambem de applicação de cachemira ou tafetá do matiz preferido.

Nº 6. — A. B. *entresachadas* para fronhas, lençóes, guardanapos, etc. Plumetis ou festão conforme o gosto.

Nº 7. — A. M. *entresachadas* para fronhas, lençóes, guardanapos, etc. Plumetis e *cordonnnet*.

Nº 8. — A. F. *entresachadas* para toalhas e lençóes.

Nºs 9, 10, 11, 12, 13 e 14. — *Iniciaes diversos* conforme o pedido de varias assignantes.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA GRANDE DE MOLDES.

*Molde d'um corpinho-casaca* (as peças são independentes umas das outras).

Nº 1. — *Frente*.

Nº 2. — *Costas* que se cortam de dois pedaços.

Nº 3. — *Pequeno lado*.

Nº 4. — *Manga* que se corta de dois pedaços; a parte inferior está indicada.

Nº 5. — *Debuxo do corpinho-casaca* depois de acabado.

Nº 6. — *Outro debuxo d'um corpinho-casaca* mais curto. Este modelo se poderá executar tirando do primeiro molde as partes inferiores que se acham cortadas por uma linha em pontos. (Ver na parte inferior da frente, das costas, e do pequeno lado).

Pode-se fazer este corpinho-casaca de fazenda preta ou acolchoada ou de *faille* do matiz da saia até da fazenda irmanada com o traço : Para simplificar-o, pode-se supprimir o bordado.

O nosso modelo era de cachemira verde bronzeado; o corpinho-casaca de *faille* do mesmo matiz com trancelins de verde mais claro. Os laços eram do matiz do bordado assim como o franjado que enfeita a orla inferior. Este traço ha de ser muito em moda na presente estação.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA.

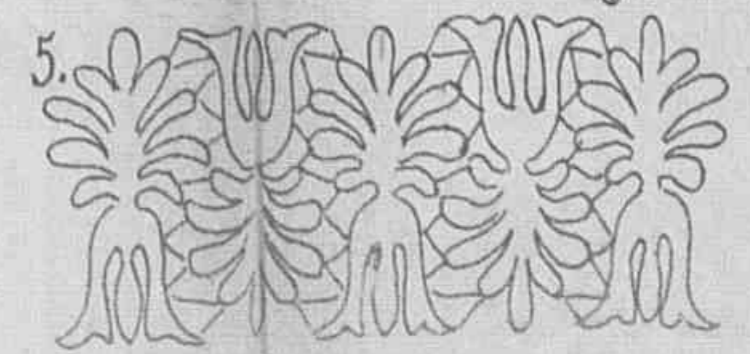
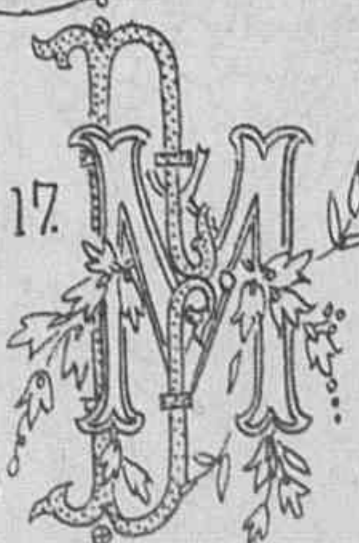
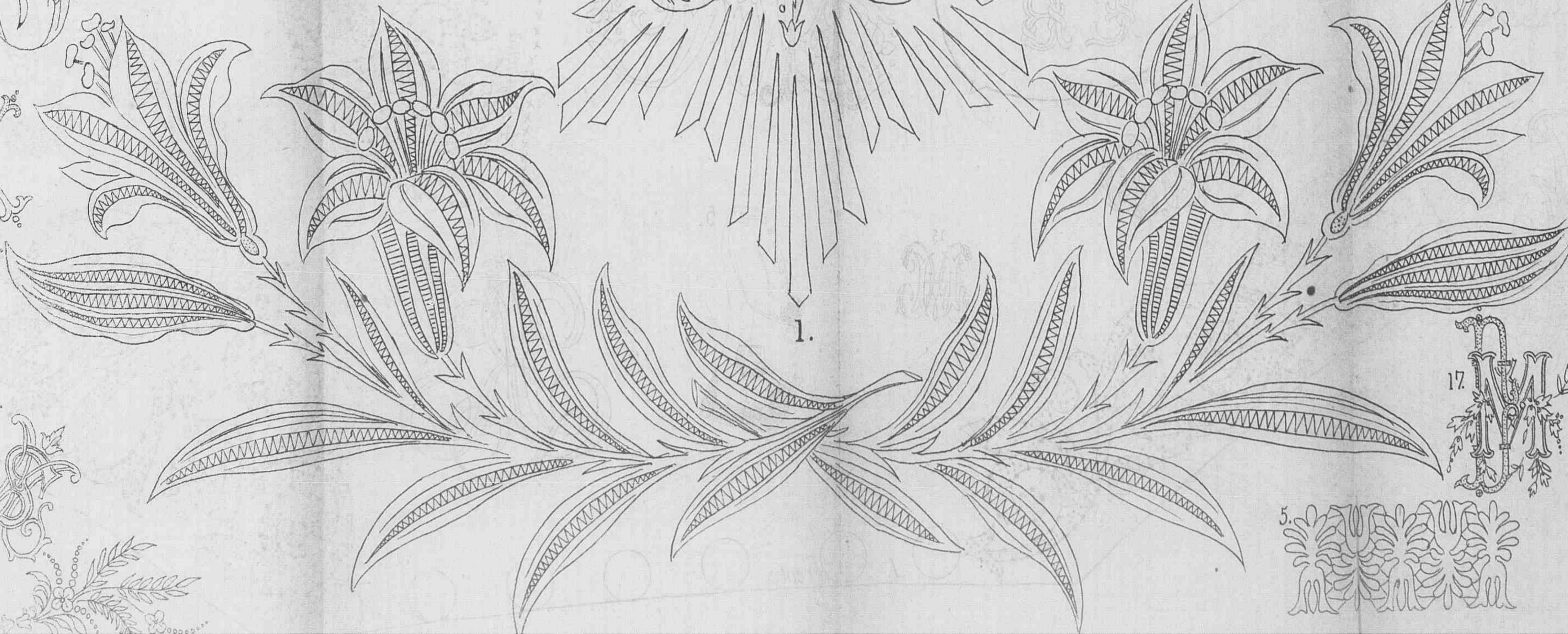
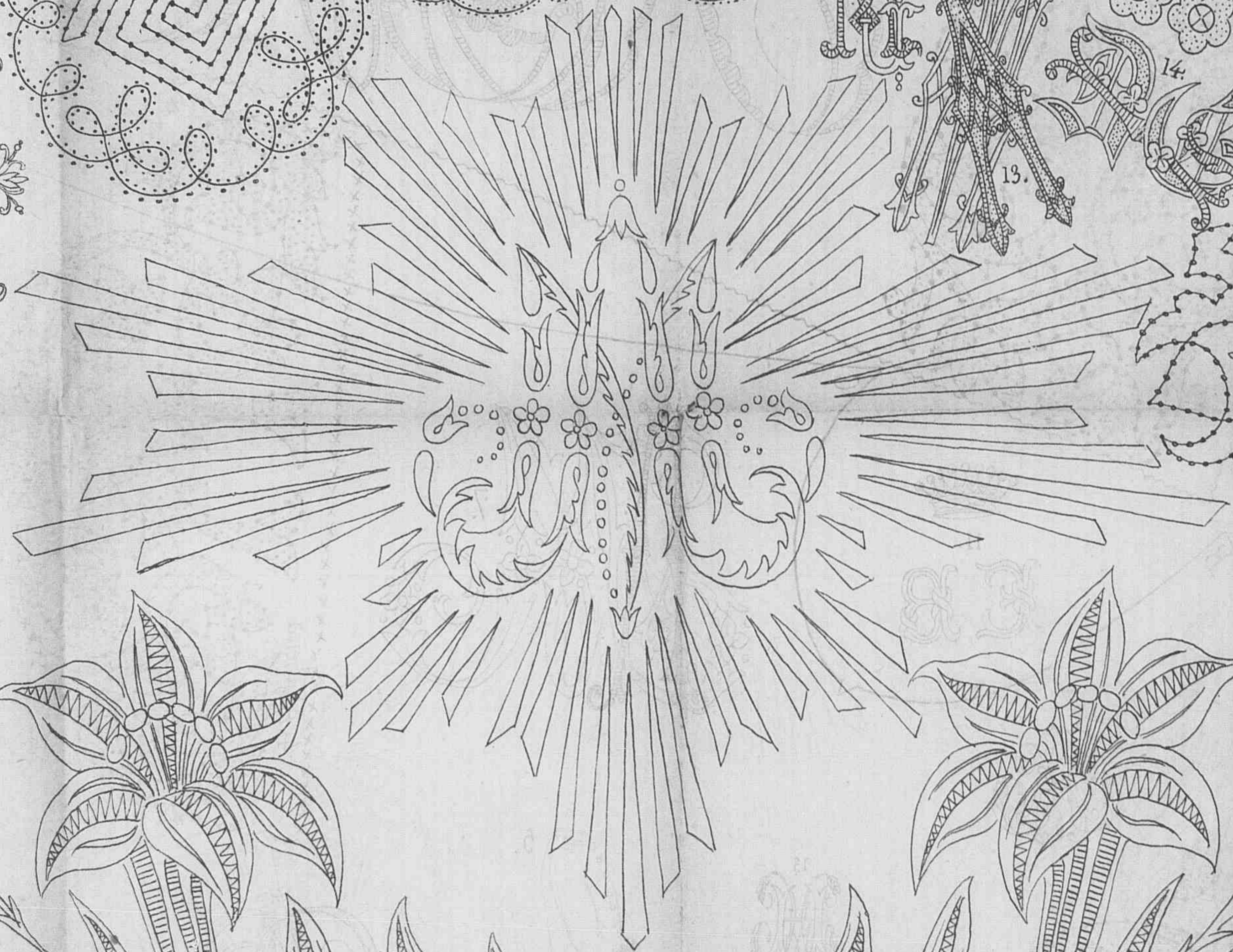
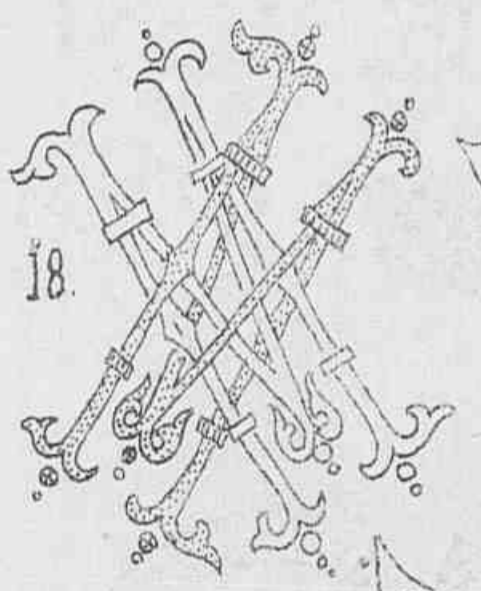
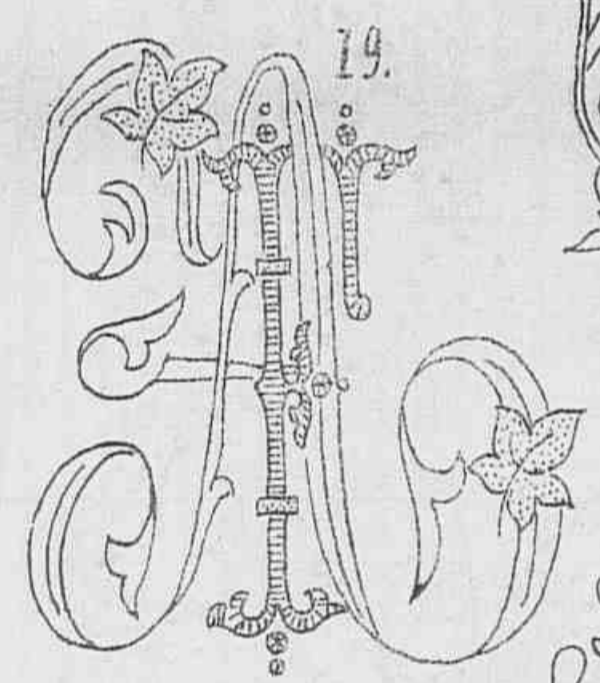
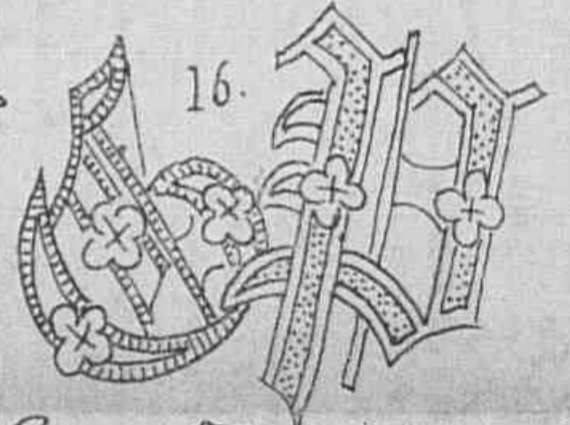
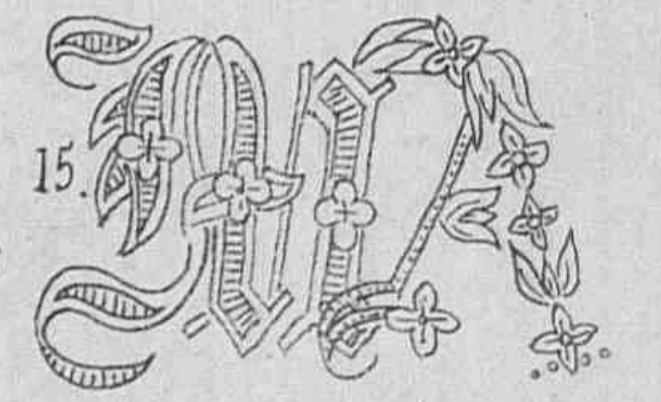
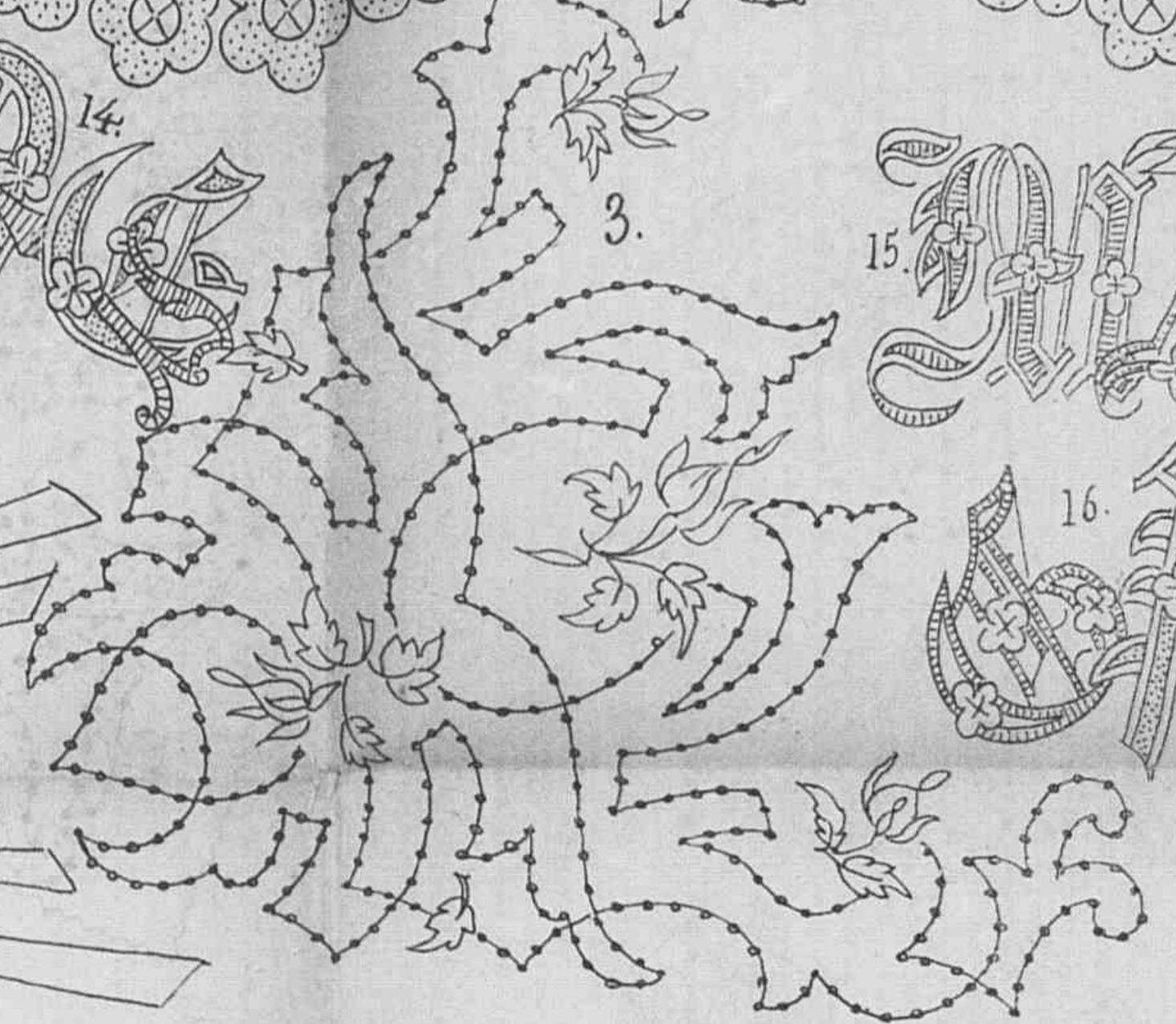
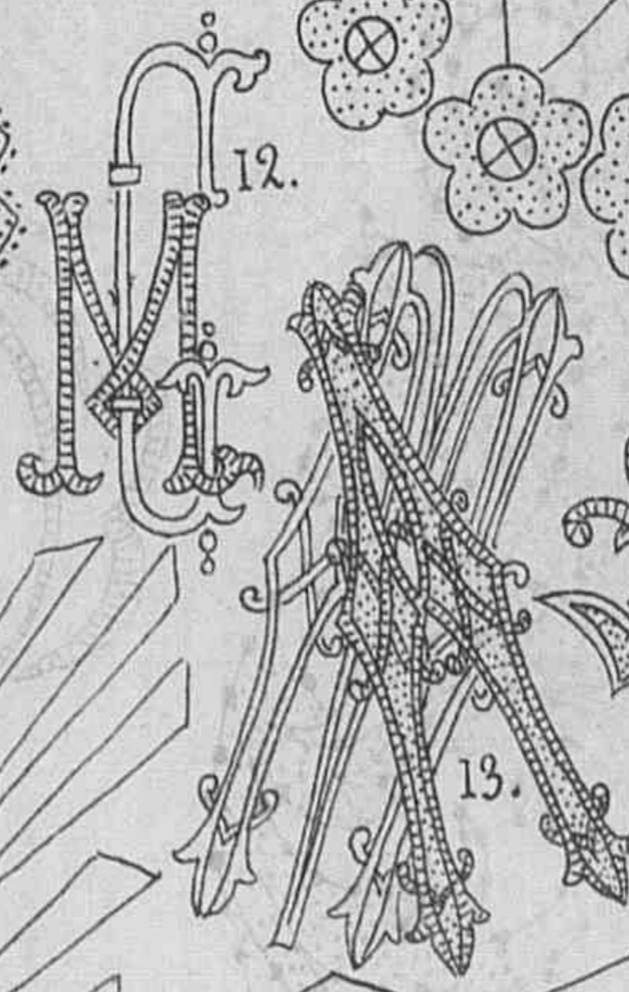
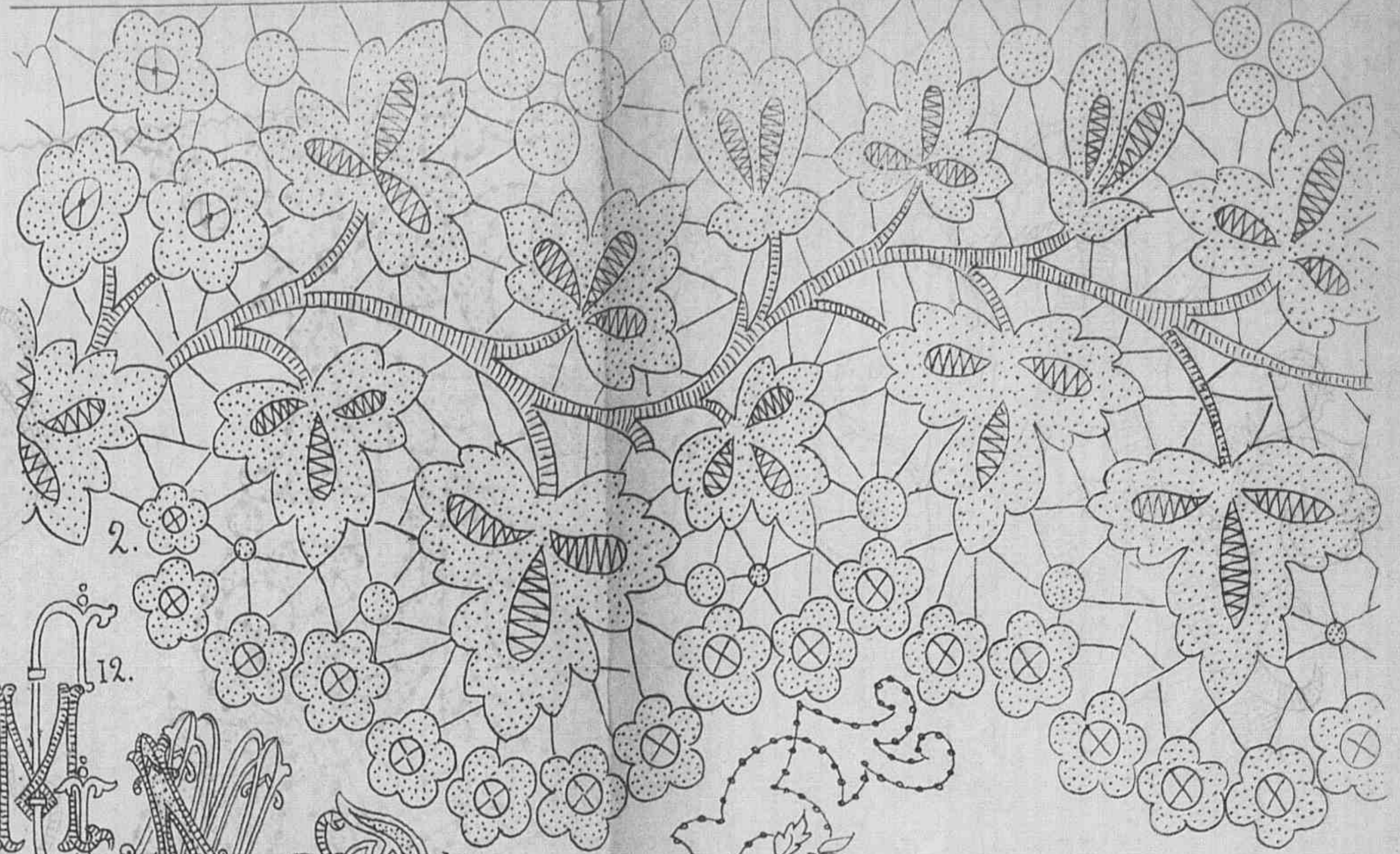
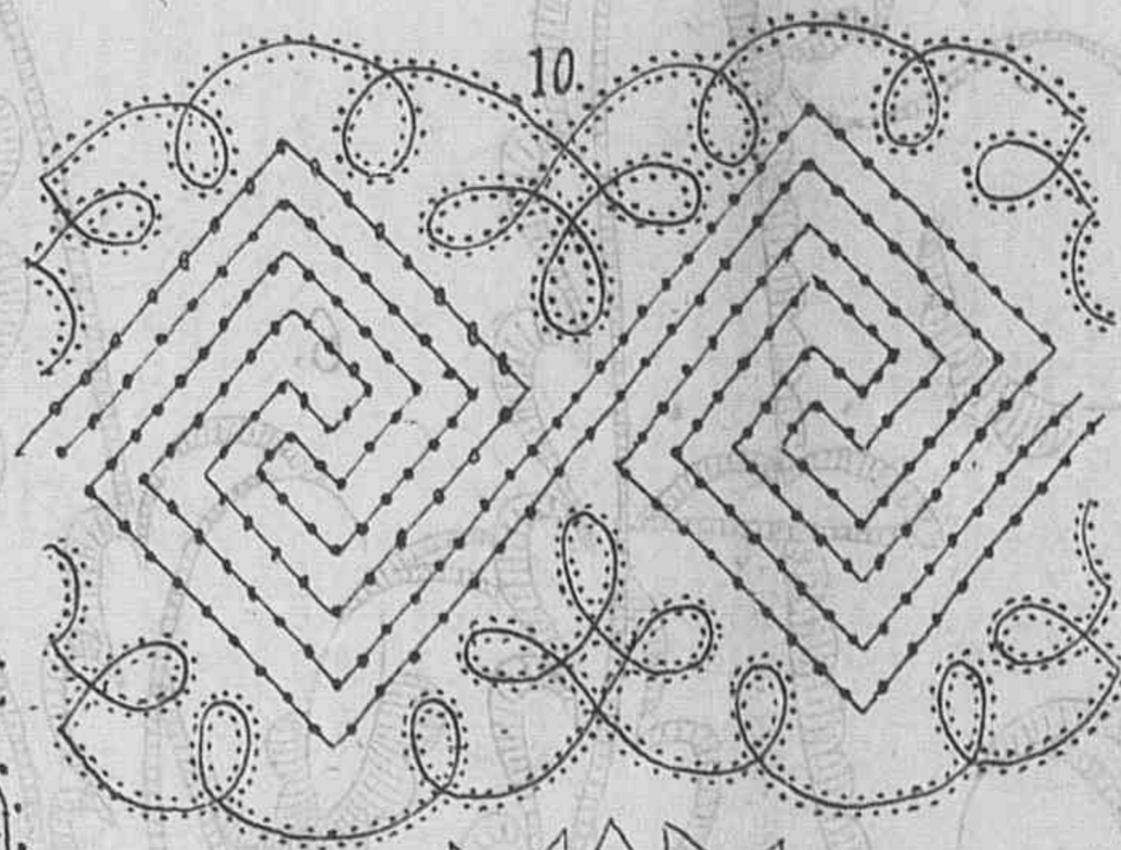
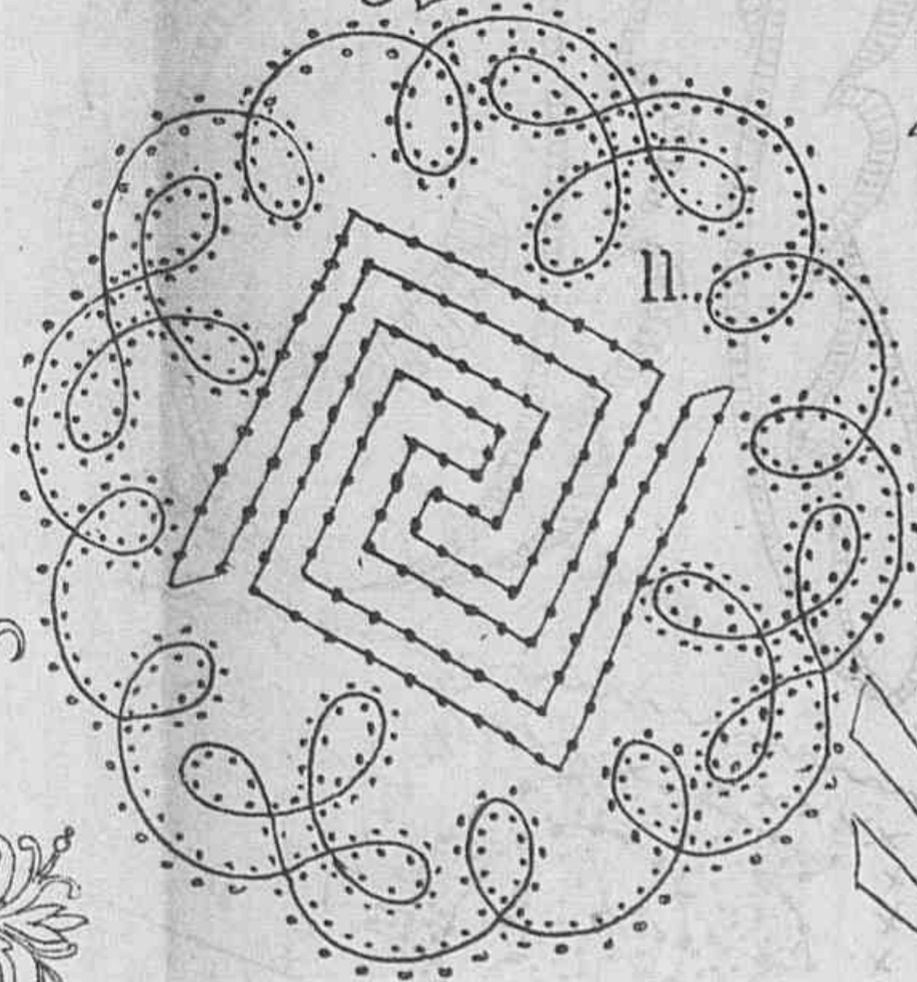
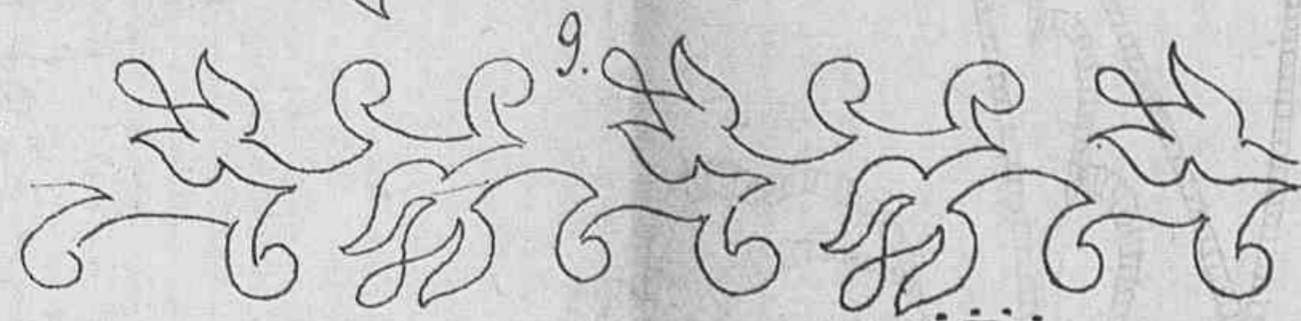
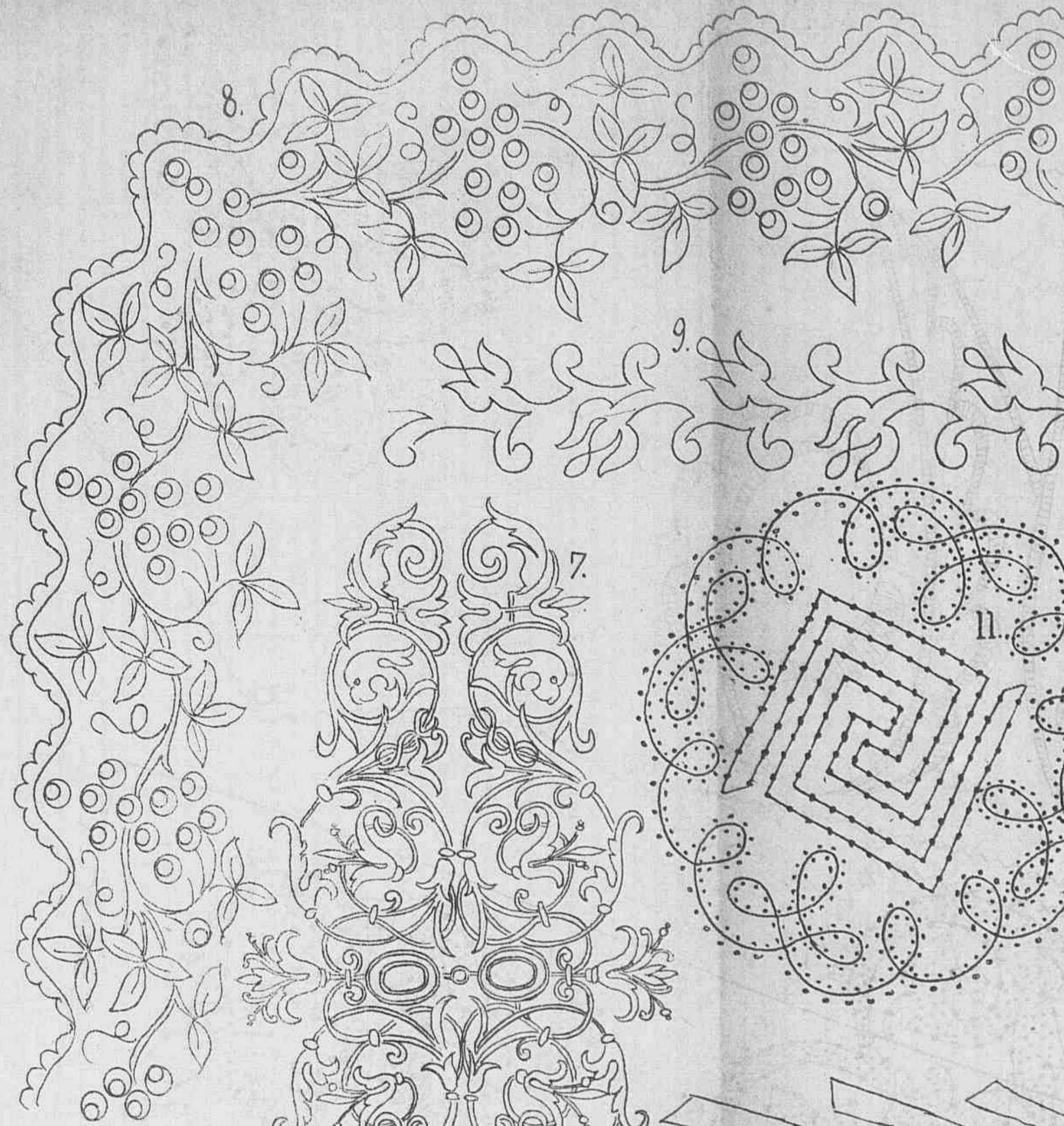
Este desenho é de facil execução e de bonita vista : os matizes amarells, assim como os matizes encarnados, se fazem de retroz. A cruz do meio pode substituir-se pelas iniciaes IHS ou pelas iniciaes AM, se o genuflexorio se collocar n'uma capella da Santa Virgem.

Poderia igualmente este desenho servir para cadeira ou poltrona. Aconselhamos um fundo azul ou côr de rosa desmaiada, cinzento, de cor amarella desmaiada ou de tilia.

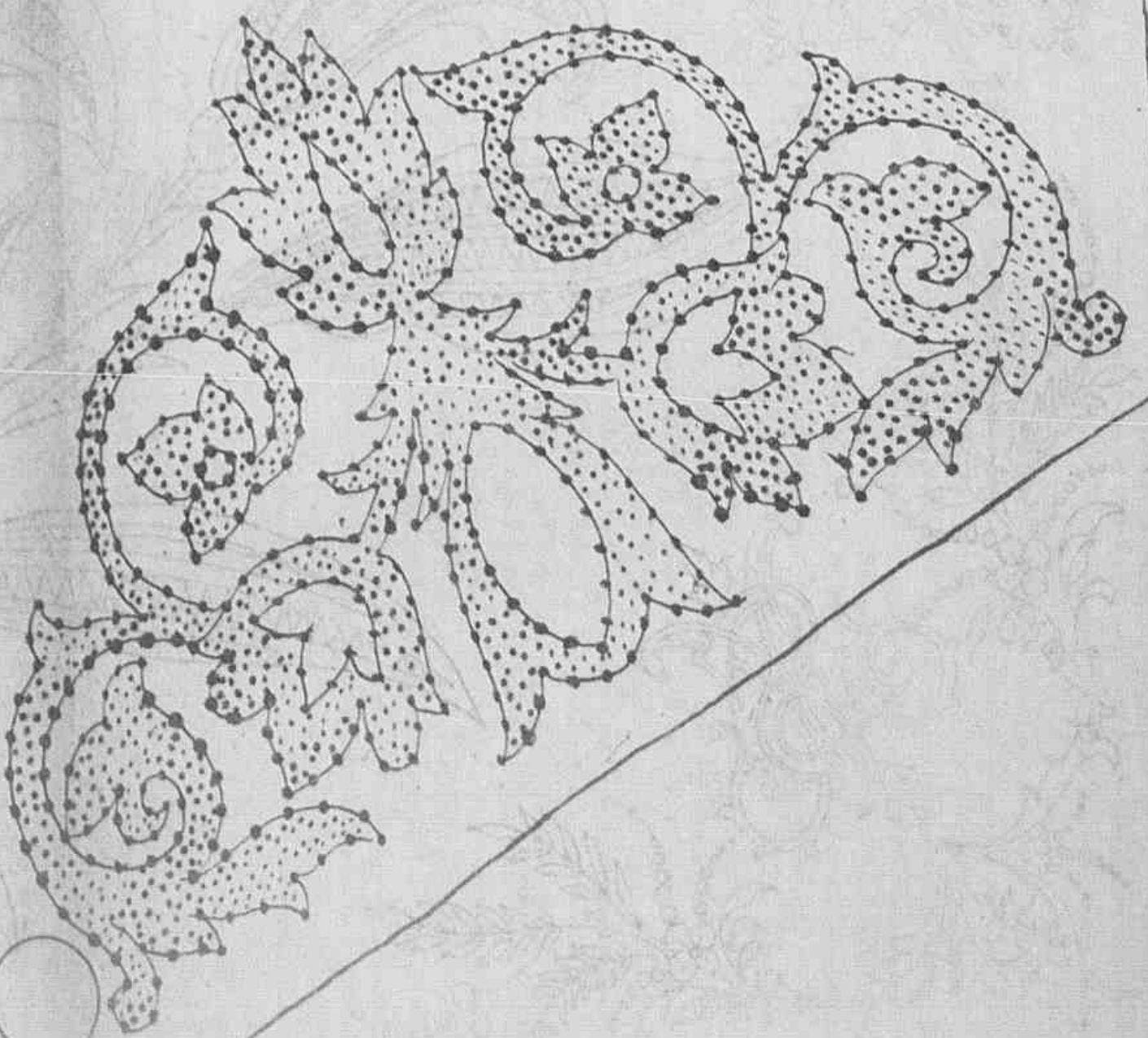
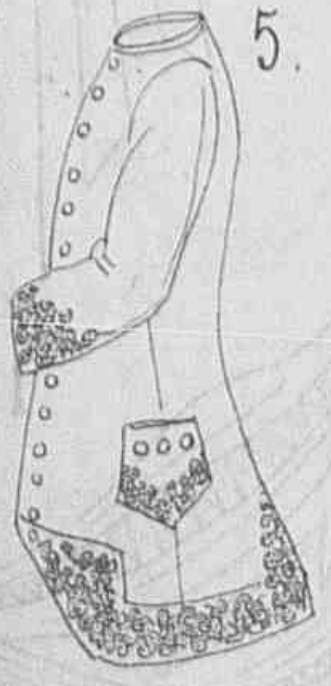
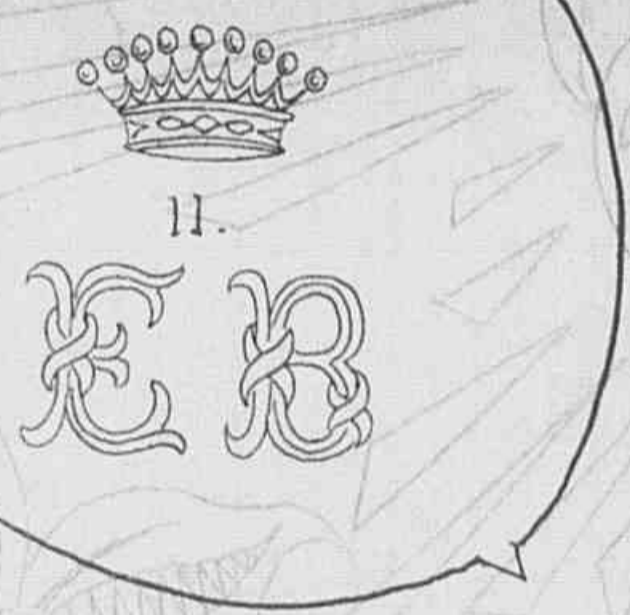
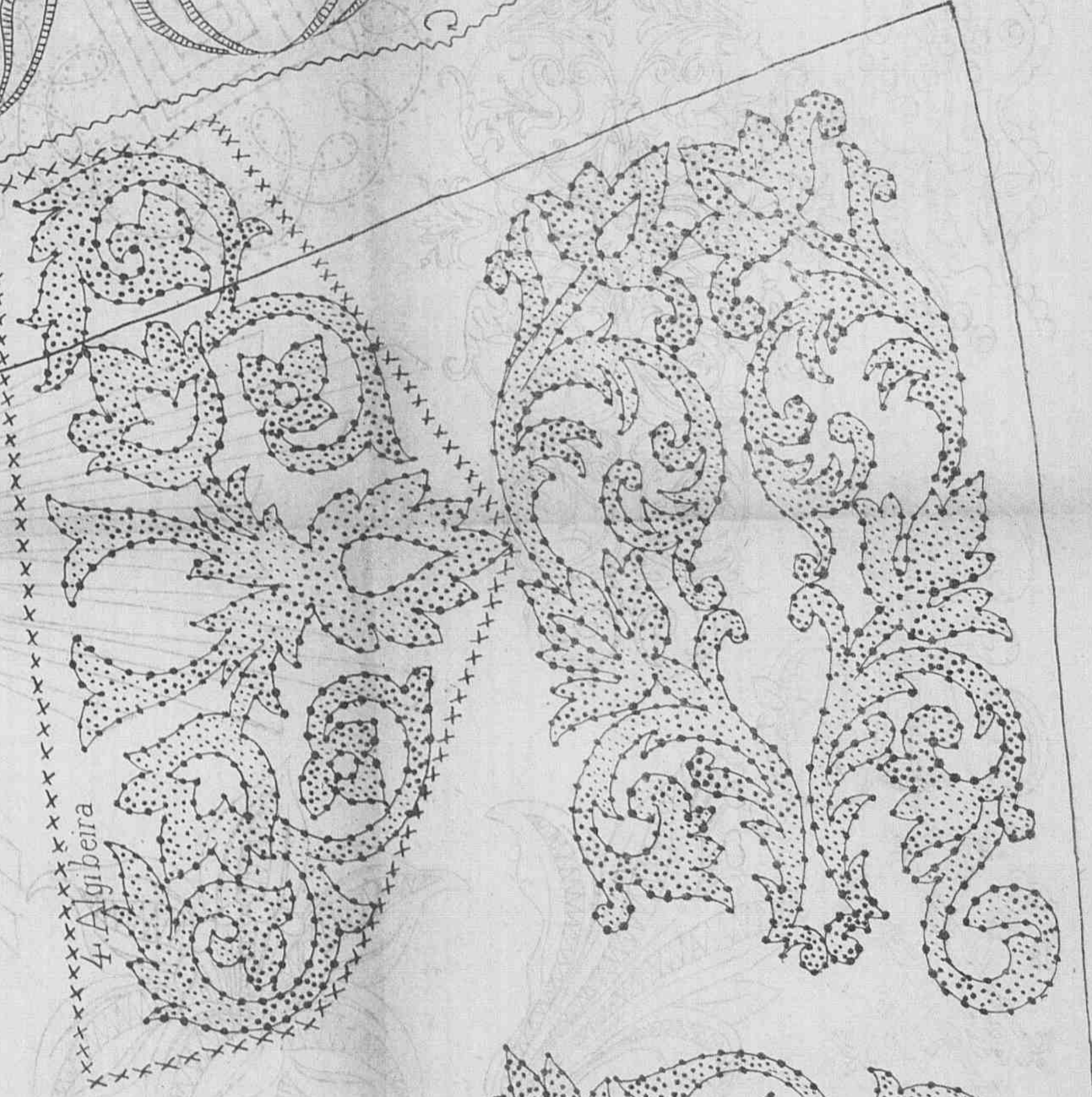
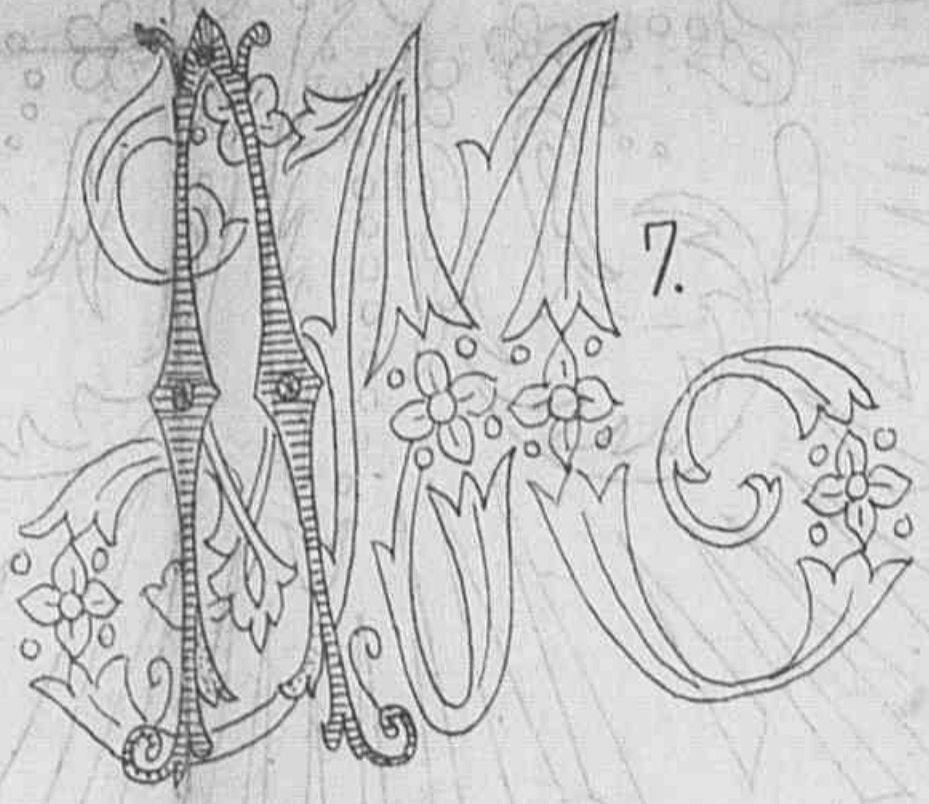
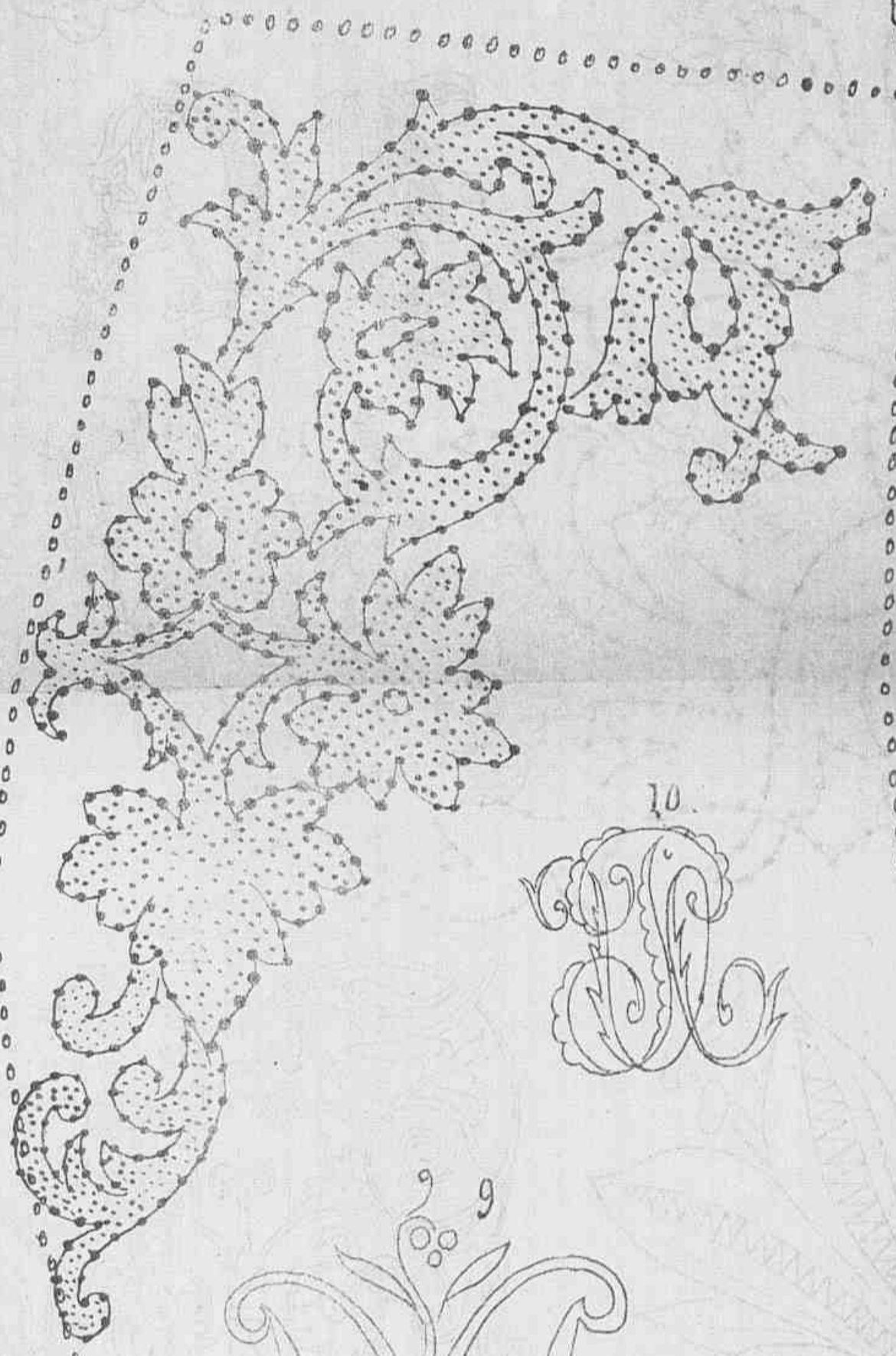
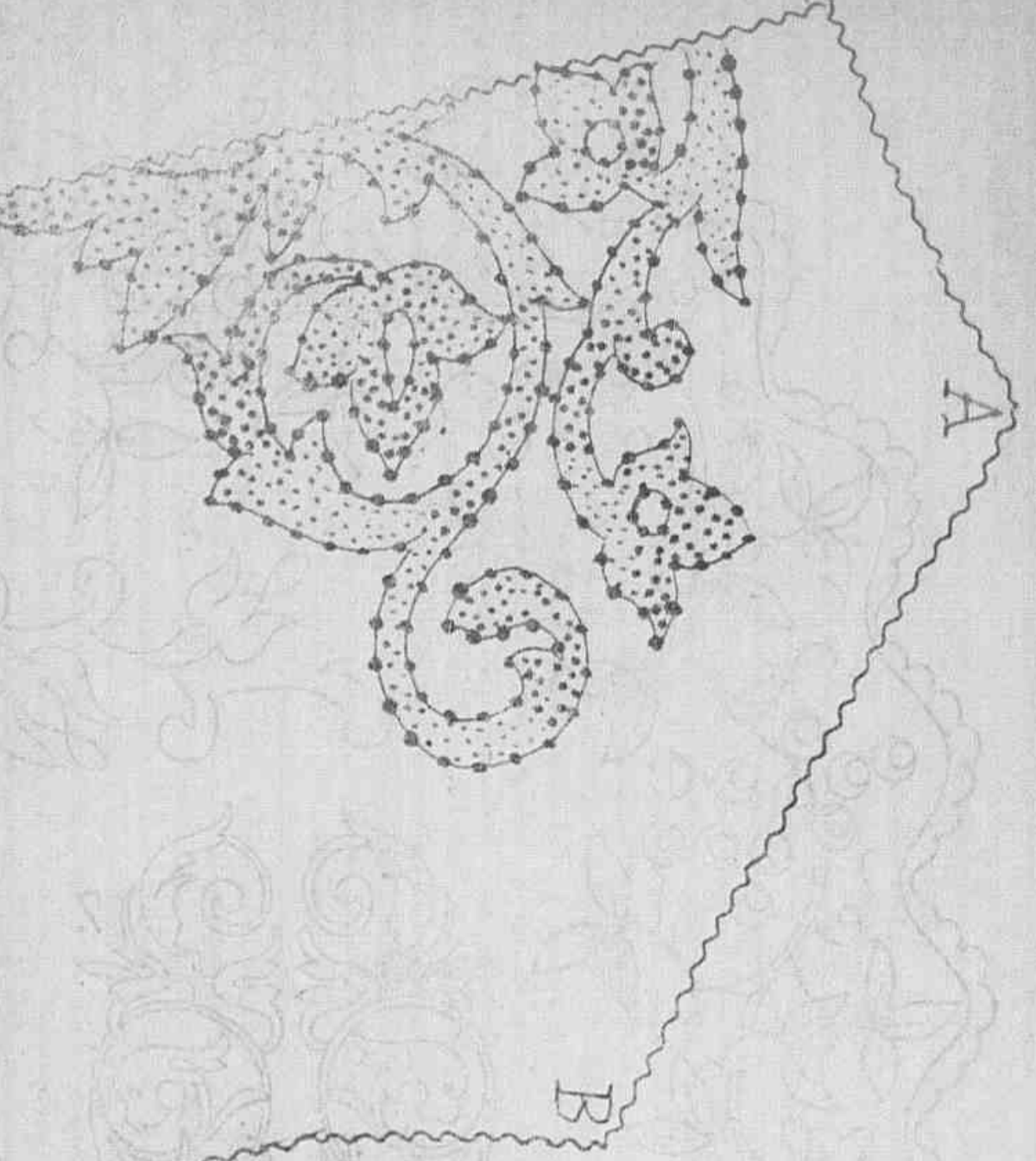
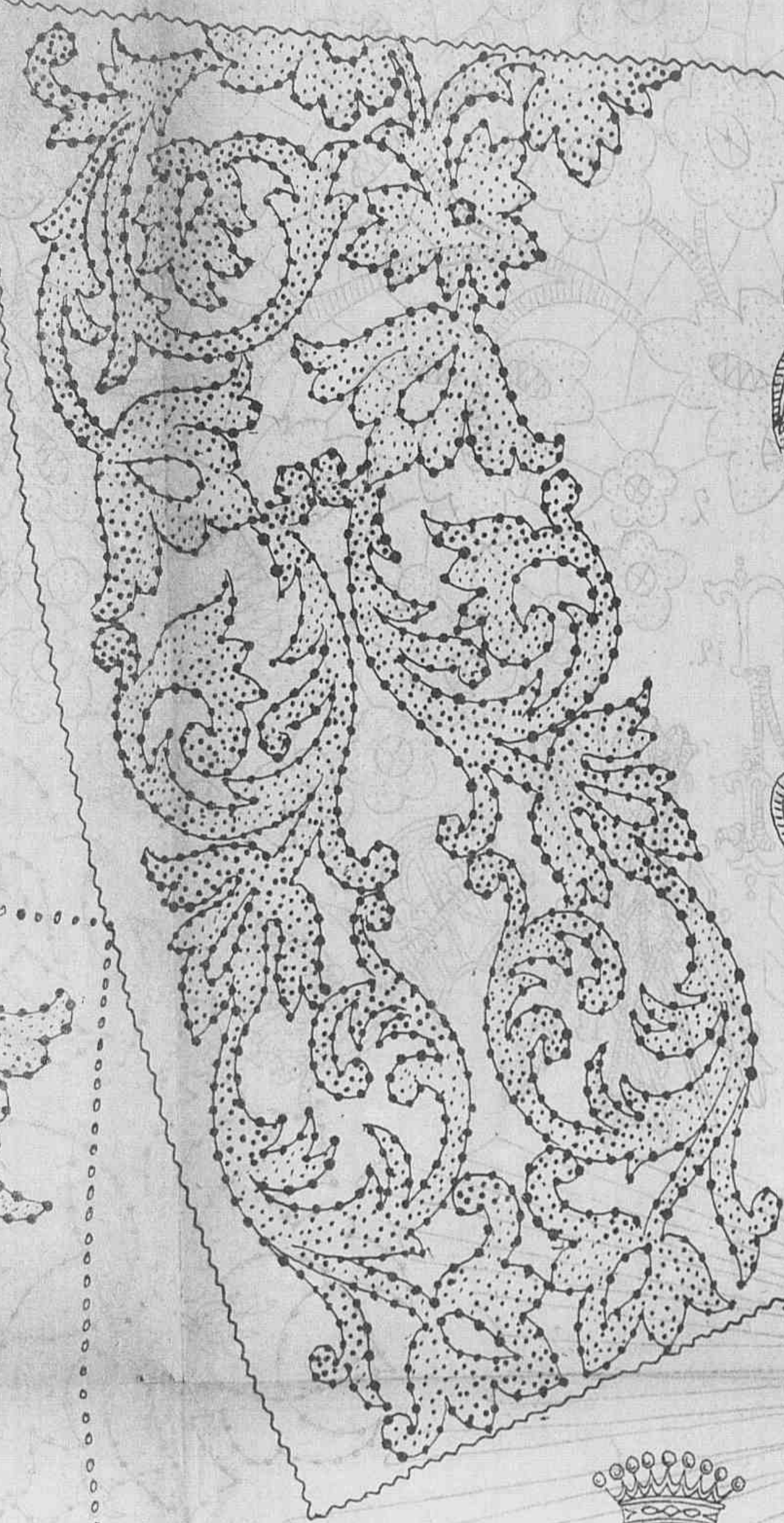
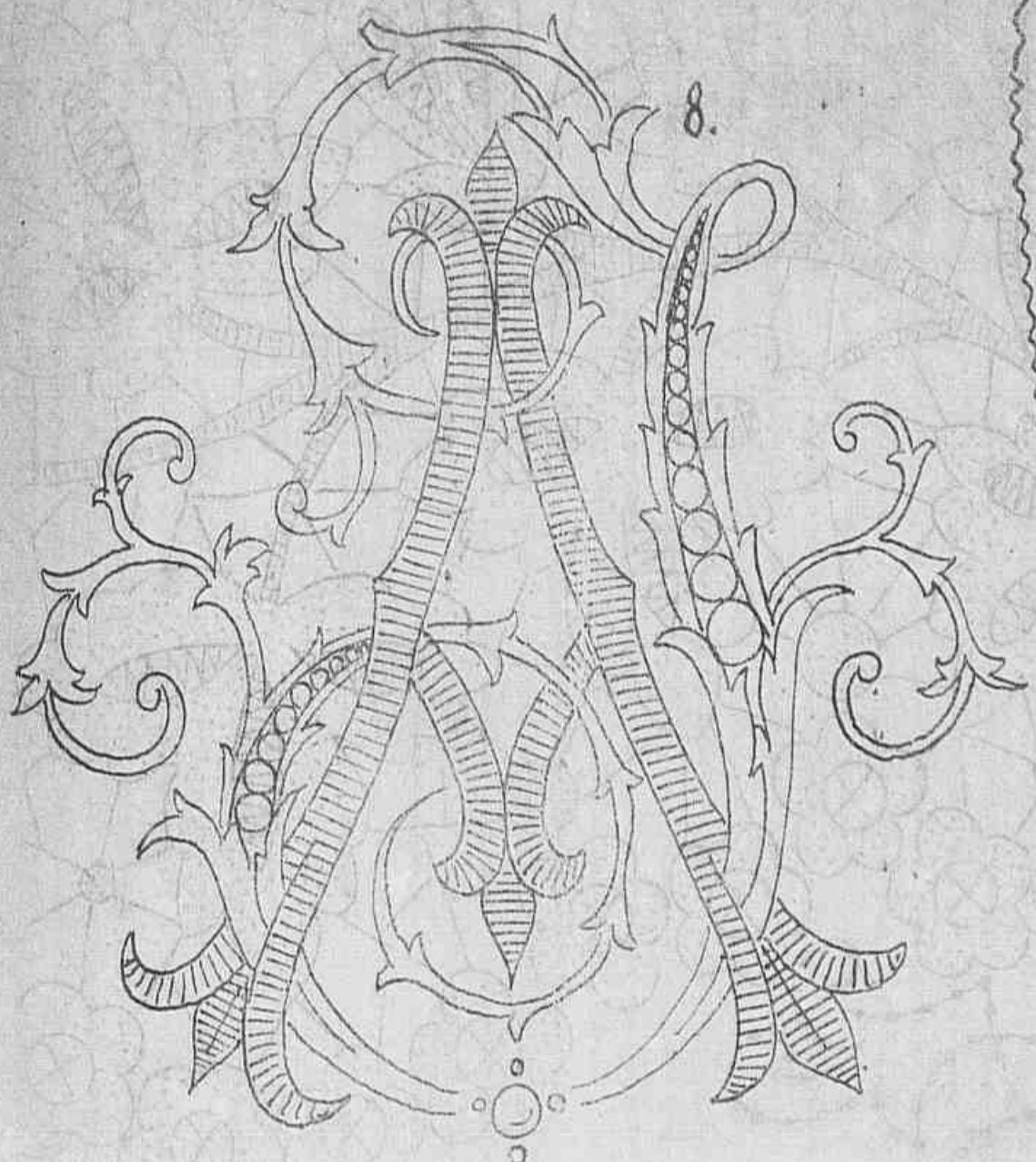


# JORNAL DAS FAMILIAS

XV Anno - Julho 1877



2. Costas



Parte inferior

3. Parte superior da

1. Frente

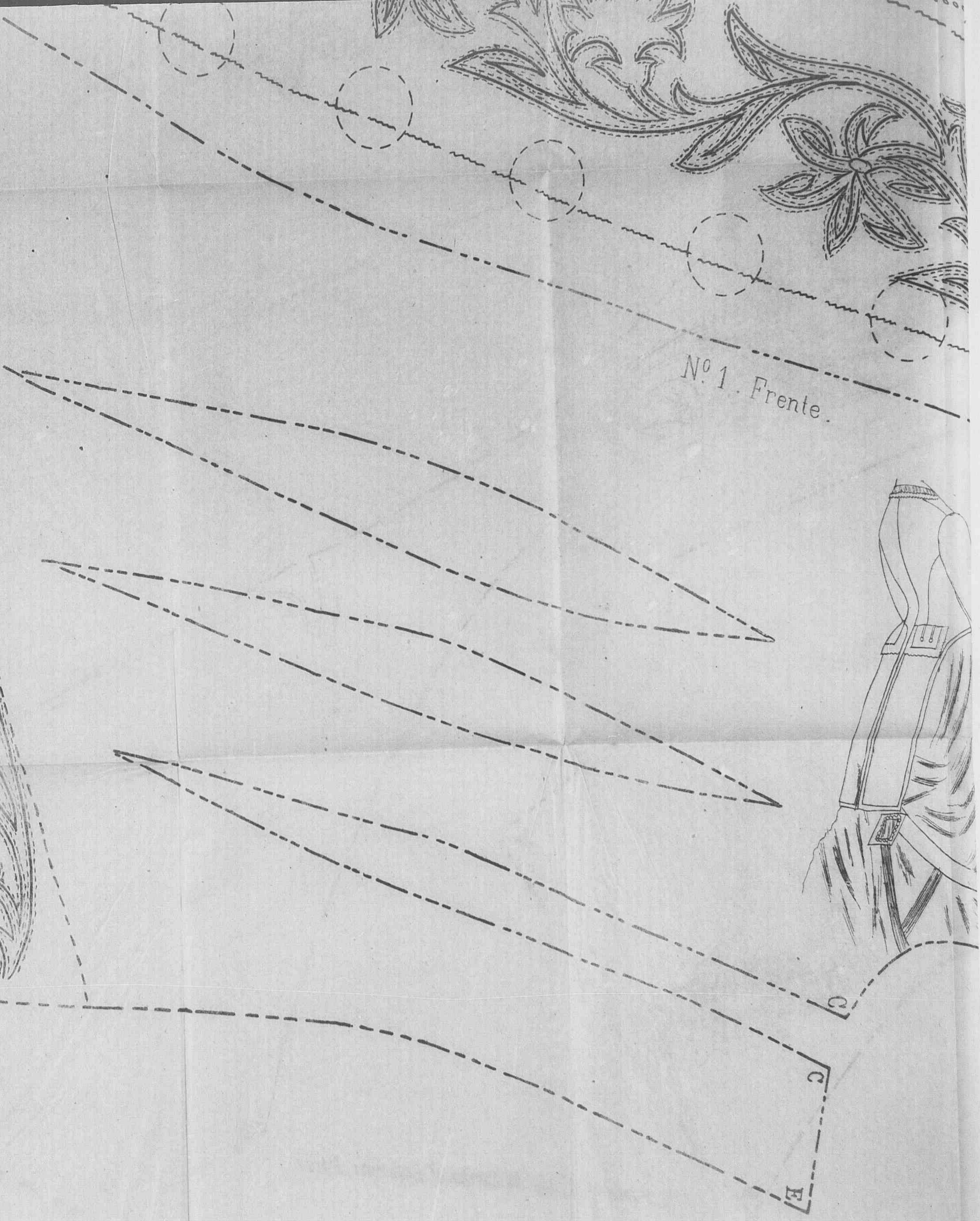
1

# JORNAL DAS FAMILIAS

Julho 1877.



2



Nº 1. Frente.



3

MOLDE D'UM CORPINHO - CASACA BORDADO  
(com peças independentes)



Parte inferior

Fig. 4. Parte superior da manga

Fig. 3

E



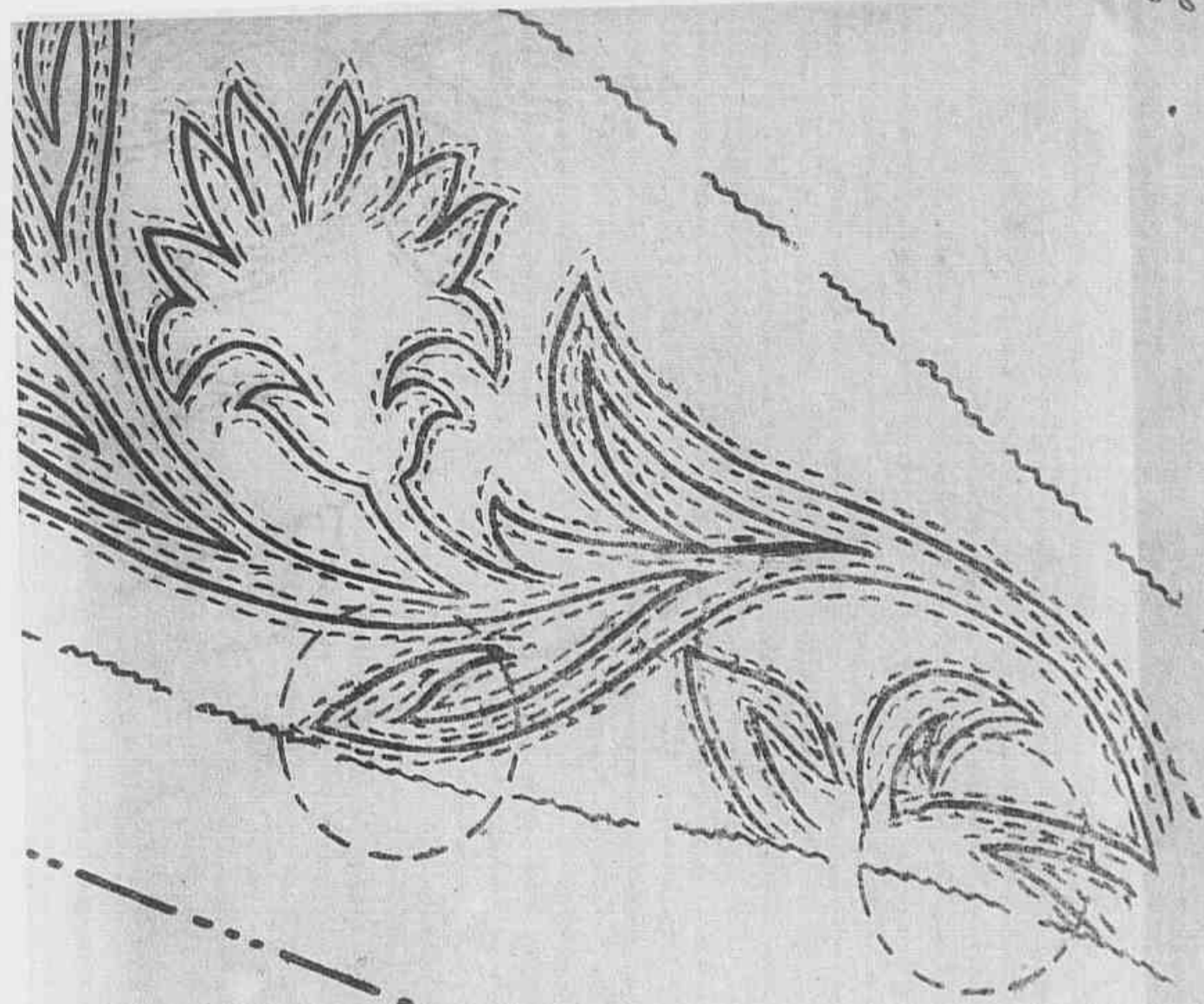
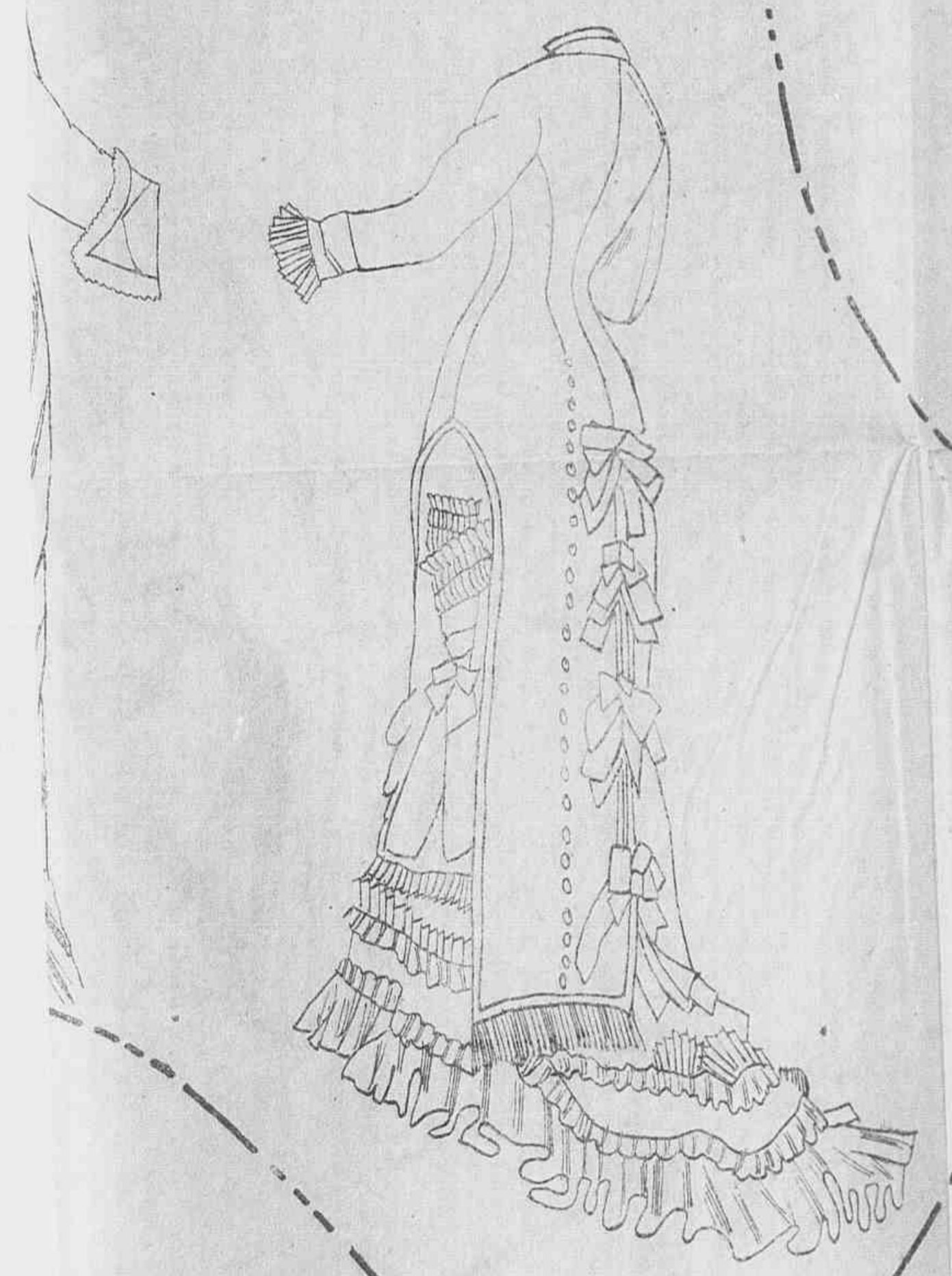


Fig 3. pequeno lado

E

S



A

B

Fig 2. Costas

A

B

Imp. Falconer, 51, rue du Cardinal Lemoine. Paris

4

EXTRACTO DOS CATALOGOS DA LIVRARIA B. L. GARNIER, RUA DO OUVIDOR, 65

**Dr. Basilio Alberto de Souza Pinto.**

LICENÇAS DE DIREITO CRIMINAL. 1 v. in-4º br. . . . . 38000

**Caciano José de Andrade Pinto.**

ATTRIBUIÇÕES DOS PRESIDENTES DE PROVINCIA, estudo dividido em duas partes: 1º O commentario a lei nº 38 de 3 de Outubro de 1857; 2º Nomenclatura dos serviços administrativos pertencentes aos Presidentes de Provincias. — 1 vol. enc. . . . . 68000

**Dr. Pedro Azevedo da Matta Albuquerque.**

PUBLICAÇÕES DE ECONOMIA POLITICA. 2ª edição melhorada. 1 v. in-4º lindamente impresso e encadernado em Paris. . . . . 68000

ELEMENTOS DE DIREITO PUBLICO UNIVERSAL. 1 v. in-4º enc. 78000 br. . . . . 68000

ELEMENTOS DO DIREITO DAS GENTES, segundo as doutrinas dos escriptores modernos. 1 v. in-4º enc. 68000 br. . . . . 48000

ELEMENTOS DE DIREITO NATURAL PRIVADO. 1 v. in-8º enc. 68000 br. . . . . 48000

**Manoel Mendes da Cunha Azevedo.**

O CODIGO CRIMINAL do Imperio do Brazil, com observações sobre alguns de seus artigos. 1 v. in-8º enc. . . . . 58000

Observações sobre alguns artigos do Código do Processo Criminal e outros da lei de 3 de Dezembro de 1834. 1 v. in-4º enc. 68 br. 68000

**Dr. José Sariano de Souza.**

ENSAYO MEDICO-LEGAL sobre os ferimentos e outras offensas phisicas com applicação á Legislação Criminal Patria, seguido de considerações sobre o infanticidio. 1 v. in-4º enc. . . . . 78000

**Camillo Mendes de Almeida.**

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRAZILEIRO, antigo e moderno, em suas relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chronologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o presente, comprehendendo, além do sacro santo Concilio de Trento, Conciliaes, Bullas, Breves, Leis, Alvaras e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do governo como da antiga Mesa de Consciencia e Ordens e da Relação Metropolitana do Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, á administração temporal das Cathedras e Parochias, as Corporações Religiosas, os Seminarios, Camaras, Capelas, Misericordias, etc., etc., e que se addicionam notas historicas e explicativas

indicando a legislação actualmente em vigor, e que hoje constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil. T. I e II, 2 v. in-4º enc. . . . . 368000

**Dalmo junior.**

DIREITO CRIMINAL. Da Tentativa e da cumplicidade. — 1 v. in-4º enc. . . . . 48000

**Eleuterio Augusto de Athayde**

REGULAMENTO DAS ALFANDEGAS e mesas de rendas annotado com todas as leis, decretos e decisões dos governos que o tem alterado, e explicado desde a sua publicação até Dezembro de 1865, e com as disposições anteriores que ainda se acham em vigor, remontando ao Regulamento de 22 de Junho de 1836. 1 v. in-4º enc. 58000, br. . . . . 48000

**James William Gilburd.**

TRATADO PRATICO DOS BANCOS, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro. 3 v. in-4º impresso e enc. em Paris. . . . . 168000

**João Francisco de Araujo**

**Lessa.**

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, segundo o roteiro dos correios terrestres entre esta corte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas-Geraes, S. Paulo, Matto Grosso e Goyaz. 1 v. enc. . . . . 58000

**F. A. F. da Silva Ferrão.**

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao Código Penal Portuguez comparado com o Código do Brasil: leis patrias, codigos e leis criminaes dos foros antigos e modernos. — 8 v. in-4º enc. 288000 br. . . . . 208000

**José da Moura Azevedo**

**Correia.**

REPERTORIO GERAL e SYNDICO dos Avisos do Ministerio da Justiça, explicando as disposições de Direito civil, commercial e orphanologico, desde a gloriosa época da Independencia até o presente, acompanhadas das ordens, avisos e portarias do Ministerio da Fazenda acerca dos impostos forenseis, e dos de outros Ministerios que dizem respeito a materias juridicas, e bem assim de toda a legislação antiga e moderna a que os mesmos avisos se referem. 2 v. enc. . . . . 48000

**J. M. Pereira de Vasconcellos**

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades. 1 v. in-4º enc. . . . . 48000

CONSULTOR JURIDICO, ou manual dos apontamentos, em forma de dictionario, sobre variados pontos de direito pratico; 2º que se ajunta um

formulario das acções das mesas parochias, juntas de qualificação e conselhos de recursos, contratos e o regimento de cuitas com todas as avisos e ordens que a tem expedito até o presente. — 1 vol. enc. . . . . 58000

**A. J. de Barros Corte Real e J. M. Castello Branco.**

COLLECÇÃO DE ACCORDAOS que contem materia Legislativa, proferidos pelo Supremo Tribunal de Justiça, desde a época de sua installação. 2 v. in-4º. . . . . 108000

**J. Ferreira Borges.**

DICCIONARIO JURIDICO COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicam ao foro e ao commercio; 2ª edição augmentada. 1 v. in-4º enc. . . . . 48000

**Dr. Joaquim Antonio Carneiro da Cunha Miranda**

DIREITOS DE USUFRUCTO (Estado Elemental de), adoptado a legislação patria em vigor. 1 v. in-4º enc. 78000 br. . . . . 68000

**Dr. Carlos Antonio Cordeiro.**

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRAZIL, contendo não só toda a Legislação alterante ou modificante de suas disposições, como todas as penas de seus differentes artigos, calculadas segundo os seus graus e as diversas qualidades dos criminosos. 1 v. in-4º enc. . . . . 3 000

CONSULTOR ORPHANOLOGICO, ou

formulacão de todas as acções seguidas no Juizo dos Orphaes, prejudicadas das attribuições das differentes mesas que a elle se referem e precedidos de todos os regulamentos de Orphaes, e bem assim do Provedoria, com a legislação applicativa. 1 v. enc. . . . . 48000

CONSULTOR CIVIL acerca de todas as

acções seguidas no foro civil com as suppressões, alterações e accessimas exigidos pela legislação, estilos e praticas do foro, 1 grosso v. in-4º enc. . . . . 8 000

CONSULTOR COMMERCIAL, ou Formu-

lariario de todas as acções commerciaes, segundo o regulamento de 25 de Novembro de 1850, contendo os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, finalmente todos os termos dos processos, segundo do processo das quebras, quer no Juizo Commercial, quer no Juizo Criminal. — 1 vol. enc. . . . . 8 000

CONSULTOR CRIMINAL, ou Formu-

lariario de todas as acções seguidas no foro criminal, precedido das disposições concaratuas e organicas applicadas á attribuição das autoridades policiaes e criminaes. 1 v. enc. . . . . 8 000

# JORNAL DAS FAMILIAS

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O JORNAL DAS FAMILIAS sahe uma vez por mez, com 32 paginas de impressão, no formato d'este numero.

No fim de um anno terão os nossos assignantes um elegante volume de 384 paginas de litteratura amena, algumas illustrações, muitas gravuras sobre aço, desenhos á aquarella coloridos, ditos de trabalhos de crochet, lã e bordados; moldes de enfeites para senhoras, figurinos e peças de musica ineditas, etc.

As assignaturas são feitas por um anno, a contar de Janeiro a Dezembro.

PARA O RIO DE JANEIRO E NICTHEROY  
10\$000

PARA AS PROVINCIAS  
12\$000

NUMERO AVULSO : 1\$000

As assignaturas são pagas na occasião de serem tomadas.

As pessoas que quizerem honrar este jornal com a sua collaboração terão a bondade de remetter os seus artigos, em carta fechada, á commissão da *Redacção do Jornal das Familias*, rua do Ouvidor, 65, livraria de **B. L. GARNIER**, Rio de Janeiro, ou em Paris, rua de l'Abbaye, 14. Aceitão-se sobretudo com prazer os artigos instructivos e que tratarem de economia domestica, hygiene e interesses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus autores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados.

## CORRESPONDENTES DO JORNAL DAS FAMILIAS

BAHIA . . . . .	Catilina e C <sup>a</sup> . Alves e Filhos.	PARAHYBA DO NORTE.	Carlos Auxencio Monteiro da França.
CAMPANHA . . . . .	Bernardo Saturnino da Veiga.	PASSO FUNDO DAS MISSOES R. G. SUL	Antonio José da Silva Loureiro.
CAMPOS . . . . .	Costa e Silva.	PELOTAS . . . . .	Carlos Pinto e C <sup>a</sup> .
— . . . . .	Jozé Vaz Correa Coimbra.	PERNAMBUCO . . . . .	Walfredo e Souza.
— . . . . .	João Maria de Mendonça.	— . . . . .	José Nogueira de Souza.
CANTAGALLO . . . . .	Guilherme Sauerbronn e Irmão.	— . . . . .	De Lailhacar e C <sup>a</sup> .
— . . . . .	Dr Herculano José de Oliveira Mafra.	— . . . . .	Silva Cardoso e Pessoa.
— . . . . .	Dr Herculano José de Oliveira Mafra.	PINDAMONHANGABA (S. Paulo. . . . .)	Nicolao de Arede Tavares.
CEARA . . . . .	Joaquim José de Oliveira e C <sup>a</sup> .	PORTO-ALEGRE . . . . .	Joaquim Alves Leite.
CUYABA . . . . .	Ant. Thomas de Aquino Correa Junior.	— . . . . .	D. Maria C. Marcus.
— . . . . .	Francisco de Maria Albernaz.	REZENDE (Rio-Jan <sup>o</sup> ).	Francisco Nunes Fernandes.
GOYAZ . . . . .	João Pedro Ribeiro Mendes.	RIO-GRANDEDOSUL.	Daniel de Barros e Silva.
JUIZ DE FORA . . . . .	Francino Tavares da Costa.	SANTA CATHARINA . . . . .	D. Maria de Albuquerque.
MACEIO . . . . .	Anthero Dias Lopes.	— . . . . .	Dr Duarte Paranhos Shutel.
MACAHE . . . . .	Abel Maria de Souza e C <sup>a</sup> .	S. FIDELIS . . . . .	Brandão e C <sup>a</sup> .
MANAOS . . . . .	A. Pereira Ramos de Almeida e C <sup>a</sup> .	— . . . . .	Alves e Martinho.
MARANHÃO . . . . .	Gonçalves et Pinto.	S. GABRIEL . . . . .	Antonio de Vasconcellos.
— . . . . .	Magalhães e C <sup>a</sup> .	S. PAULO . . . . .	A. L. Garraux.
— . . . . .	João Alberto d'Oliveira Prado.	THERESINA . . . . .	Miguel A. Borges Leal Costello Branco.
MOGY-MERIM (S. Paulo).	David Moretysohn Filho.	TRES CORAÇÕES DO RIO VERDE	Ant. Billencourt de Amarante e C <sup>a</sup> .
OURO PRETO . . . . .	Januária F. P. de Carvalho.	BRAGA (Portugal) . . . . .	E. Chardron.
— . . . . .	José Maria da Silva.	PORTO . . . . .	— . . . . .
— . . . . .	Tavares Cardozo e C <sup>a</sup> .	LISBOA . . . . .	Viuva Bertrand e C <sup>a</sup> .
— . . . . .	Vianna e Silva.	PARIS . . . . .	E. Belhatte.
PARAHYBA DO SUL . . . . .	A. J. Soares Souza Jr.		